Curso Online de Filosofia

OLAVO DE CARVALHO

Aula 18
18 de agosto de 2009

[**versão provisória**]
Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.

Boa tarde a todos.

Hoje, iremos tocar em um assunto que, de certo modo, adianta um pouco o nosso programa, penetrando já em questões mais técnicas de filosofia que mais tarde serão estudadas com mais detalhes. Mas como esse é um tópico especialmente importante para a formação da mentalidade, eu vou ter de adiantá-lo. O que importa aqui é o aproveitamento prático disso e não o assunto técnico-filosófico — o estudo do assunto filosoficamente será feito mais tarde.

Vou ler um texto para vocês e comentar — eu posso interromper um pouco durante a leitura, mas depois irei ler de novo com comentários mais meticulosos:

> "Nenhuma compreensão de fatos humanos é possível sem algumas distinções elementares. Tão elementares que a prática multimilenar já as embutiu como precauções automáticas na espontaneidade dos juízos humanos, se é que não estavam lá desde o advento do Homo Sapiens. As mais básicas dentre estas distinções são as categorias de Aristóteles: a classificação dos tipos de juízos que podemos emitir a respeito do que quer que seja.
>
> Sem precisar ter jamais ouvido falar de Aristóteles, qualquer cérebro humano normal sabe perceber a diferença entre dizer o que uma coisa é (categoria da substância), como ela é (qualidade), se é uma ou muitas, grande ou pequena (quantidade), onde está (lugar), se está associado de algum modo a outras (relação), desde quando e até quando está (tempo), o que ela faz (ação) e o que se faz ou que se pode fazer com ela (paixão ou ação passiva)."

Em algumas listas, Aristóteles admite também duas outras categorias que é *estado* e *posição*, mas, para simplificar, eu costumo adotar a lista de oito.

Essas categorias não são técnicas de pensamento, não são coisas que foram inventadas por Aristóteles. Na verdade, é até errado dizer que são categorias de pensamentos, porque elas já estão embutidas na própria percepção — é assim que nós percebemos as coisas. Qualquer pessoa, por mais burra que seja, nota a diferença entre o que é perceber *uma coisa* e o que é perceber *uma qualidade*

específica dela — ou perceber o tamanho, a quantidade, a posição onde ela está, por exemplo. Essa diferenciação é espontânea no ser humano, você não precisa aprender as categorias de Aristóteles. O que se aprende são os nomes com os quais pode ser feita uma reflexão sobre aquilo que você já faz no curso normal da sua percepção.
O problema é que se Aristóteles nomeou e definiu essas categorias com o propósito explícito de expor algo que já se passava normalmente na percepção humana, então, a partir do momento que estão descritas, elas se tornam instrumentos técnicos da filosofia, e como instrumentos técnicos elas adquirem uma espécie de autonomia em relação ao seu uso normal na percepção. A própria exposição filosófica tem os seus problemas próprios, tem as suas dificuldades próprias, que são diferentes das dificuldades que possa haver no campo da percepção.

Quando se estuda os problemas das categorias, você vê que milhares de livros foram escritos a respeito e que se pode dar um numero ilimitado de aulas sobre o assunto. Mas, enquanto as tratar como conceitos filosóficos, você não estará fazendo a mesma coisa do que Aristóteles fez, porque para ele aquilo não era exatamente conceito filosófico, e sim uma expressão conceitual de coisas observadas no próprio curso da percepção humana. Observando o modo como percebia as coisas, Aristóteles notou que ele instintivamente percebia essas diferenças — as categorias, no fim das contas, não são nada mais que a percepção das diferenças entre várias maneiras de olhar uma coisa. Conforme o que se está interessado em saber, olha-se por aqui ou por ali — isso é normal no ser humano e todo mundo faz. É o mesmo que dizer que instintivamente todo mundo conhece as categorias de Aristóteles e as aplica na percepção e nas conversações diárias com uma exatidão impressionante; no entanto, aplica mais nas percepções do que nas conversações, porque nestas começa a surgir o erro, e quando vem a exposição e a discussão filosófica desse assunto, mais erros ocorrem.

Normalmente, isto que estou dizendo é absolutamente incontestável: todo mundo sabe a diferença entre perceber uma coisa e perceber uma de suas qualidades isoladamente, ou perceber a sua quantidade, ou ainda, perceber se ela está em cima de uma outra, embaixo de uma outra, dentro de uma outra. É impossível, por exemplo, não perceber a diferença entre saber o que é uma banana e saber que a banana está em cima da mesa. Não é a mesma coisa e qualquer idiota — até o Barack Obama — sabe disso, é acessível a todos os seres humanos.

> “Tão profundamente arraigadas na percepção humana...”

Note bem, eu disse *percepção* e não no *pensamento humano*. Quando ouvir alguém falar sobre pensamento pré-categorial, esqueça, porque você estará falando com um analfabeto. Pensamento pré-categorial é mais impossível do que o quadrado redondo, não existe! As categorias estão presentes no sonho, na percepção espontânea — estão imbricadas em nós fisicamente. Não há nada pré-

categorial. Pré-categorial é somente o nada: não tem substância, não tem quantidade, não tem qualidade, então não tem categoria. Nada existe pré-categorial. Onde você ler essa expressão, saiba que está lidando com um burro, com um amador.

> “Tão profundamente arraigadas na percepção humana estão essas categorias que na vida diária rejeitamos automáicamente toda confusão entre elas que apareça numa conversação ou no nosso próprio pensamento. Se perguntamos o que é uma coisa não nos contentamos com a resposta de que é grande ou de que está em cima do armário, (...)”

A não ser que você seja um retardado mental, ou melhor, é possível [até] que até um retardado mental saiba essa diferença. Para não saber isso precisa ser não um retardado mental, mas um esquizofrênico.

> “(...) ou seja, não confundimos a substância com a quantidade ou o lugar.”

É claro que a maioria das pessoas não sabem expor as categorias de Aristóteles, mas elas sabem usá-las — não sabem os nomes das categorias, não sabem nem o que são. Se você começar a falar de categorias, elas podem se confundir, mas, na prática, as pessoas sabem usar aquilo perfeitamente e a prova é, sobretudo, negativa: é que não confundem uma categoria com outra. Eu já testei isso milhares de vezes e fui observando que as categorias de Aristóteles estão imbricadas não só no pensamento e na linguagem, mas estão imbricadas também na percepção, porque tem algo a ver com a direção da atenção. Para contar bolinhas, por exemplo, é preciso saber o que são bolinhas; então, sabendo o que são bolinhas, [contar] já não é mais um problema. [Assim], passa-se da categoria da substância para a da quantidade, [pois] se se emite qualquer juízo qualitativo — dizer se uma coisa é bonita ou feia —, é porque você já sabe o que é e a substância não é mais um problema. Não se vai, então, confundir uma qualidade com a substância.

> “Se perguntamos por que o cachorro está latindo, não queremos saber se é preto ou tem três anos. Distinguimos expontâneamente entre a ação, a qualidade e a quantidade.”

Eu já observei, muitas vezes, a precisão incrível com que as pessoas espontâneamente aplicam as categorias sem saber o que são elas, sem saber que é uma noção filosófica etc. Isso raríssimamente falha. **[0:10]** E quando existe um erro grave, quando o sujeito sai da realidade, em geral o que aconteceu foi uma confusão de categorias. Não é um erro lógico, não é um erro da coerência do raciocínio. Às vezes, é um erro de percepção mesmo.

> “Igualmente fácil é distinguir mais ou menos automaticamente entre aqueles quatro níveis diferentes de sentenças que Aristóteles denominava os Predicáveis, que são: a definição, o gênero, a propriedade e o acidente.

> Se você quer a definição de mesa e alguém lhe responde que é um móvel, você sabe que aí está faltando alguma coisa, que a resposta é demasiado genérica, e que ela lhe forneceu o gênero da coisa sem distingui-la de outras coisas do mesmo gênero."

Portanto, todo mundo sabe a diferença entre *definição* e *gênero*. Quando se pergunta "*O que é isso?*" e você responde que é um tipo de tal coisa, você sabe que está faltando algo, pois sabe o gênero da coisa, mas também sabe que a definição não está completa.

> "Se alguém diz para você que o gato está miando, você sabe que os gatos costumam fazer isso mesmo, que miar é uma propriedade deles, que basta saber que o bicho é um gato para daí deduzir que ele mia e não late."

Mesmo que o gato não tenha jamais miado, você sabe que se algum dia ele emitir um som, ou vai ronronar ou miar. Você não achará que ele estará latindo, piando, falando alemão e assim por diante. Todo mundo sabe disso, portanto sabe o que é uma propriedade: é uma coisa que é tão natural num determinado tipo de ser, que basta você saber de qual tipo ele é, que já se deduz que ele irá fazer exatamente aquilo. O exemplo clássico é aprender gramática: todo mundo sabe que só o ser humano aprende gramática, e se você diz que alguém sabe gramática, já sabe automaticamente que não é uma tartaruga ou um elefante, já sabe que é um ser humano. Agora, se está miando só pode ser um gato — e quem não sabe isso?

> "Mas se alguém lhe diz que o gato está no telhado da dona Maria, você sabe que nada no mundo lhe permitirá deduzir do mero fato dele ser um gato se ele subirá no telhado da Dona Maria, pulará a janela do Seu Joaquim ou ficará deitado na poltrona vendo televisão."

Não dá para deduzir isso. O gato pode fazer todas essas coisas, mas um cachorro também pode. O meu cachorro Robin, já falecido, subia no telhado do vizinho. A primeira vez que o homem telefonou, disse: "Seu cachorro está aqui no meu telhado" — e eu perguntei se ele tinha certeza de que não era um gato. "Não, é o seu cachorro mesmo". Está aí um cachorro que podia subir no telhado. Eu vi um filme com uns caras tentando tirar um urso do telhado. E têm gatos que jamais subiram no telhado. Portanto, do fato de que ele é um gato não se pode deduzir que ele está no telhado e, não obstante, ele pode subir no telhado. Como é que isso se chama? Isso é um acidente. O acidente precisa ser informado, precisa ser acrescentado à definição. Se você sabe que o bicho é um gato, não dá para daí deduzir que ele está no telhado. Alguém precisa dizer: "O seu gato está no telhado". No entanto, ninguém precisa vir lhe informar que o seu gato mia, porque todos os gatos miam. Essas são distinções que todo mundo faz no dia-a-dia, não é preciso verbalizá-las.

> "Os acidentes, na verdade, não são tão acidentais: um gato pode ser preto ou branco, miar ou ronronar, subir no telhado ou aninhar-se confortavelmente no

> colo do dono. Mas nenhuma dessas coisas acontecerá jamais ao carangueijo, muito menos a um crocodilo.”

Ou seja, não se pode da simples natureza da coisa, ou definição, deduzir o acidente.

> “Os acidentes não decorrem da natureza da coisa, mas não podem ser totalmente incompatíveis com ela.”

Você já viu, por exemplo, um dicionário subir no telhado? Não sobe, não é?

> “Você pode acertar um tiro num ser humano, num animal, numa árvore, numa pedra ou qualquer ser inanimado, mas não poder acertá-lo numa equação do segundo grau — embora muitos ginasianos sonhem com isto.”

E você também não pode acertar um tiro numa alma de outro mundo, numa idéia filosófica ou, ainda, num dragão verde com bolinhas cor-de-rosa — ninguém jamais deu um tiro num dragão verde com bolinhas cor-de-rosa. Isso significa que, embora os acidentes não possam ser deduzidos da natureza da coisa, eles não podem ser totalmente incompatíveis com ela, ou seja, nem todas as qualidades acidentais podem se aplicar a qualquer ser indistintamente. Algumas pessoas, por exemplo, sabem grego, outras não, mas gato não sabe grego e tartaruga muito menos.

> “Saber graduar instintivamente os acidentes possíveis e impossíveis, prováveis e improváveis, verossímeis e inverossímeis que podem suceder aos vários seres das diferentes espécies, é 80% do que nós chamamos senso do real.”

E este *senso do real* normalmente funciona. Por que, quando você diz que tal coisa aconteceu, as pessoas estranham? Porque elas sabem que aquele não é o tipo de acidente que seja adequado àquele tipo de ser do qual você está falando. “O cachorro subiu no telhado” — é um exemplo. Se dissessem: “O gato subiu no telhado” — seria normal, pois os gatos costumam fazer isso. O único cachorro que eu já vi subindo no telhado foi o meu, que era o cachorro mais extravagante do universo — um Weimaraner. Se eu soubesse o que era um Weimaraner, eu jamais teria comprado um. Eu vi o bicho numa exposição e ele estava dentro de uma gaiolinha, todo tristinho; eu fiquei com dó, comprei e levei para casa. Cheguei em casa e fui estudar a raça para ver como era. O primeiro site que eu abri estava escrito assim: “Você está preparado para ter um Weimaraner?”. Eu falei: “Epa! Eu acho que arrumei encrenca” — e arrumei mesmo.

E essa [capacidade de graduar instintivamente os acidentes] é a parte mais preciosa da inteligência humana e que mais radicalmente nos distingue dos animais e dos computadores. É incrível que essas pessoas que estudam inteligência artificial, inteligência humana e animal, nunca lembram de olhar por esse lado, eles pensam apenas na capacidade de raciocínio, na silogística. Silogística quer dizer que de duas proposições você tira uma terceira. Tartaruga

raciocina, gato raciocina, computador raciocina e até o Barack Obama raciocina. Então, é claro que não é por aí que você vai encontrar a diferença. Porém, perceber a possibilidade ou probabilidade maior de um acidente, isto nenhum bicho pode fazer. Não tem nenhum mesmo. O macaco, o bicho mais inteligente que existe, não pode fazer isso. [Essa capacidade] demarca uma diferença infinita entre a inteligência humana e a animal, porque isto é a nossa percepção de realidade. O Xavier Zubiri passou a vida demonstrando que essa noção de realidade só existe para o ser humano, o animal não a tem. O animal só tem o ambiente imediato e os reflexos condicionados, não tem a noção do real, das gradações que aparecem nos quatro discursos — o certo, o provável, o verossímil e o possível.

Praticamente toda a nossa atividade cognitiva durante o dia consiste em fazer essa operação, em diferenciar as categorias, em diferenciar os predicáveis e, sobretudo, em distinguir se certos acidentes são normais ou anormais, se eles podem acontecer ou não. É isso que nós chamamos inteligência, no dia-a-dia e na prática, e entre essa função e a inteligência animal a diferença é infinita. E, no entanto, essa função, por complicada que seja, funciona regularmente bem **[0:20]** na maior parte dos seres humanos. Nós só não conseguimos aplicar essas funções quando os dados do problema são demasiado novos, desconhecidos. Um E.T., por exemplo, pode ter três pernas? Eu não sei, porque nada entendo de E.T.. Então, se me aparece um E.T. de três pernas, eu não sei se ele é normal ou anormal, porque a própria condição de E.T. já é anormal para mim porque ela é desconhecida. Quando você está falando de coisas que as pessoas desconhecem, essa função falha, evidentemente. Mas não é a função que falha, é o material que é novo.

> “Com igual desenvoltura, todo mundo sabe distinguir espontaneamente entre aqueles quatro tipos de causa que Aristóteles chamava de causa formal, causa eficiente, causa material e causa final. Causa formal é a simples definição, a natureza das coisas, que às vezes basta como explicação do que ela faz ou que do que lhe acontece. Não há quem não entenda que, se você diz que um determinado bicho é uma tartaruga e não um peixe, fique explicado porque ela pode emergir da água e sair andando na terra — coisa que um peixe no seu juízo perfeito jamais faria.”

Dizem que tem um tipo de peixe, não sei onde, que anda um pouquinho — mas é só este. Por isso, mesmo você acha que é um peixe esquisito. Por quê? Porque a quase totalidade dos peixes não faz isso.

> “Causa eficiente é o impulso, o mecanismo imediato, o gatilho que dispara a ação. Quando o ex-presidente Jânio Quadros disse: 'Bebo porque é líquido, se fosse sólido eu comeria'.”

Por que todo mundo deu risada, por que acharam engraçado?

> “Todos entenderam a blague porque sabiam que ele trocava de propósito a causa eficiente pela causa formal.”

Qualquer piada consiste em trocar categorias, trocar predicáveis e assim por diante. Toda piada é isso. O fato de que exista o senso de humor, de que nós sejamos capazes de rir de piadas, mostra como o conhecimento dessas categorias, desses predicados, é espontâneo no ser humano. Acontece que, se entenderam o propósito, entenderam também a causa final, entenderam o que ele estava querendo com isso.

> “Causa material, por fim, é o meio, o intrumento ou canal pelo qual a ação se realiza. Quem não sabe distinguir entre a arma do crime (causa material), o objetivo último do criminoso (causa final), o impulso imediato que determinou a ação (causa eficiente) e, por último, o tipo de crime — assalto, homicídio, agressão à mão armada etc. — (causa formal)?”

Todo mundo sabe distinguir isso aí.

> “Por fim, também distinguimos facilmente entre causa próxima e remota. Se perguntam por que Dona Fulana se divorciou do marido, sabemos que não é a mesma coisa responder que ela o surpreendeu na cama com a empregada ou que há uma crise geral dos casamentos.”

Claro, se há uma crise geral dos casamentos, o problema da Dona Fulaninha expressa também mais um caso, mas não foi isso o que nós perguntamos. Nós não perguntamos a causa *remota*, nós perguntamos a causa *imediata*. Se há uma crise geral dos casamentos é porque eles acabam por mil e uma causas diferentes.

> “As causas remotas podem predispor genericamente a uma ação, mas não podem determiná-la diretamente. Qualquer um percebe isso quase que por instinto.
>
> Se na vida prática todo mundo maneja essas importantes distinções sem jamais ter precisado saber de Aristóteles, (...)”

Mesmo porque Aristóteles as formulou com um intuito preciso de descrever operações normais da inteligência e não de criar conceitos filosóficos em cima disto.

> “(...) o fato é que, ao buscar transportá-las para as atividades mais prestigiosas e excelsas da mente humana, como a ciência e a filosofia, de repente perdemos o controle da situação e começamos a cometer os erros mais grosseios — ocasionalmente de maneira trágica, no mais das vezes de maneira cômica. Quanto mais alta a sua ambição de conhecimento, tanto mais o erudito, o investigador, o pensador, se arrisca a incorrer em confusões vexaminosas que fariam rir o observador leigo, se este as compreendesse.”

Como não compreendem, eles não sabem que são vexames. O problema da pseudo-intelectualidade vem disto: o pseudo-intelectual é o sujeito que se apóia no respeito que ele obtém de uma massa que não compreende nada do que ele está dizendo e que, por isso mesmo, pode aceitar o que ele disse sem perceber que é um erro.

> “Guardadas as devidas proporções entre as dificuldades dos seus empreendimentos respectivos, o homem comum é nos seus domínios próprios muito mais inteligente do que os sábios na suas áreas especializadas. Felizmente, cada sábio é, fora da sua especialidade — onde ele se permite os mais arriscados desvarios —, um homem comum tão sensato quanto qualquer outro. Como filósofo, Kant podia acreditar que nós só conhecemos aparências fenomênicas e não as coisas em si mesmas, porém, como adepto dos bons jantares servidos quase diariamente aos seus visitantes, preferia comer as galinhas em si mesmas, em vez de das suas meras aparências. Um exemplo quase tocante de estupidez sapiente, cujas repercussões sofremos até hoje, foi o confronto entre a ciência nascente da sociologia, personificada por Emile Durkheim, e a historiografia psicológica de Hippolyte Taine.”

É o que eu explicarei para vocês daqui a pouco — essa parte ainda não está escrita e será o conteúdo propriamente dito da aula. Desse caso nós vamos depois tirar algumas conclusões que se aplicam a outras correntes e escolas de pensamento, de tal modo que a exposição disto possa ser útil para vocês como precaução nos seus estudos. A minha recomendação é que não permitam jamais que a sua inteligência, no exercício das suas funções mais altas, no estudo de assuntos mais complicados e mais nobres, desça abaixo do nível do cidadão comum na sua prática diária. Isso é um vexame formidável e acontece com uma freqüência assombrosa. É o mesmo que dizer que o homem do posto de gasolina lidando com a bomba de gasolina e recebendo dinheiro é mais inteligente nisso do que René Descartes lidando com a filosofia de Descartes, e comete menos erros de categoria na sua atividade do que o filósofo na dele — e isto é uma coisa que não deveria ser admitida.

Platão e Aristóteles criaram as bases da filosofia e nós não temos o direito de voltar abaixo do nível que eles criaram. Eles podem ter cometido erros, é claro, mas esse tipo de erro [elementar] eles não cometem. Eles podem cometer, por exemplo, um erro de informação: você tem uma informação deficiente sobre alguma coisa, então você tira conclusões erradas porque a informação está deficiente. Podem cometer um erro de lógica: você está fazendo uma dedução, tropeça no caminho por distração e tira uma conclusão errada. Podem, ainda, cometer erros de generalização: você tem um mostruário mais ou menos deficiente, pequeno, mas você não sabe que é pequeno, então generaliza e a partir daquilo tira conclusões erradas. Todos esses erros eles podem ter cometido, mas erros de trocar categorias, trocar predicáveis, trocar causas próximas com causas remotas, isto eles não fizeram. E todos os filósofos da modernidade, praticamente sem exceção, fazem isto. Essa é uma das coisas que me leva a crer

que Schelling tinha razão quando ele disse que na passagem da escolástica para a filosofia moderna, a filosofia se puerilizou de alguma maneira.

Se a lição da filosofia clássica não foi realmente aprendida, você vai baixar de nível, vai enfocar no problema de uma maneira que não precisa, porque você está cometendo algum erro que Platão e Aristóteles já resolveram. **[0:30]** Como disse alguém: “Isso aí é que astravanca o pogresso” — assim não vai. Se você voltar atrás e fizer a mesma burrada de novo, nós nunca sairemos do mesmo lugar e não chegaremos à conclusão alguma. A primeira obrigação do estudioso de filosofia é não deixar a bola cair, isto é, você não ir abaixo do patamar alcançado; você pode ir adiante, pode ficar no mesmo lugar — confirmar o que eles disseram —, ou descobrir algo a mais.

Eu vejo que, principalmente a partir da Renascença, os filósofos viviam com a idéia de que iriam superar Platão e Aristóteles, sendo que geralmente o que eles faziam era ir pra trás, abaixo do que Platão e Aristóteles já tinham alcançado. O exemplo mais característico disso é Francis Bacon — já mencionado na outra aula — que tinha um conhecimento tão primário e besta de Aristóteles, e o seu modo de entender Aristóteles é tão pueril, que quando diz que vai superá-lo, ele faz duas coisas: ou ele repete Aristóteles sem saber que é Aristóteles, ou comete alguma burrada que Aristóteles jamais cometeria. A primeira burrada é tomar a experiência como instância suprema de julgamento em todas as circunstâncias ; dizer que só a experiencia é o juiz supremo é impossível! O número de coisas que nós podemos averiguar pela experiência é sempre mínimo. Para nós podermos fazer uma única experiência, por nossa própria conta, nós precisamos confiar em tantas coisas que nos foram legadas pelas gerações anteriores, que a experiência vai apenas *complementar* isso aí; ela nunca pode ser o centro do conhecimento porque é impossível. Aquilo que nós conhecemos por experiência é apenas uma fração daquilo que nós podemos imaginar e conceber, e que só conhecemos por experiências ou narrativas de terceiros.

Se a experiência fosse o único critério admissível, Francis Bacon não poderia ter dito nem isto, porque não há nenhuma experiência que confirme que ela mesma é o juiz supremo do conhecimento. Não é possível provar isso por experiência, que, aliás, prova precisamente o contrário. A experiência histórica mostra que só raramente ela é o juiz supremo, porque a experiência de cada ser humano é muito limitada, e sem a expêriencia transmitida — sem a herança cultural — nós não podemos sequer começar a pensar. Como é que você vai ignorar toda a herança cultural e decidir que não vai acreditar em mais nada, somente naquilo que você conhece por experiência? Fazendo isso, você vai voltar ao nível do *Homem de Neandertal*, pois dali para frente houve tanta experiência que você jamais poderá refazer, e que, ou você confia nesse legado, ou você não vai sair do lugar.

Isso que eu digo é uma coisa tão óbvia que Aristóteles jamais poria em dúvida; ele sabia que existem várias fontes de conhecimento e que, embora sendo de

confiabilidade diferente, todas elas são necessárias. Ele sabia, por exemplo, que quando você toma determinada questão para investigar, você nunca é o primeiro, porque para uma questão chegar a se tornar uma questão pensável é preciso haver muita experiência acumulada; precisa haver uma massa crítica de discurso em torno daquilo para você poder começar a investigar. Então o que Aristóteles fazia? Ele começava sempre procurando todas as opiniões anteriores sobre o mesmo assunto e as articulava e catalogava. “Todo conhecimento depende de algum outro conhecimento”, ele próprio disse. E os primeiros conhecimentos? Esses estão arraigados na noite da sua percepção infantil, e você não lembra mais disso aí, não sabe onde começou o conhecimento.

Tanto a idéia cartesiana da tábua rasa — duvidar de tudo —, quanto a idéia do Bacon de testar tudo pela experiência, são tão inviáveis que só uma criança pode pensar nisto: “Agora vou duvidar de tudo e só vou acreditar naquilo que pode ser provado” ou “Penso, logo existo”. Tem um sujeito que pensa e outro que existe... prove que é o mesmo. Estão vendo como vocês já tem de acreditar em alguma coisa sem prova para poder provar algo?

Essas negações pueris da herança cultural não levam a parte alguma, elas são bravatas, fanfarronadas. Toda a filosofia de Descartes e Bacon são baseadas em uma fanfarronada pueril que eles mesmos não podem realizar. Se fosse por inexperiência, nós poderíamos perdoá-los. Os pré-socráticos, por exemplo, quando estavam tentando especular algo, falaram muita besteira, mas eles foram os primeiros a lidar com o assunto, então estão perdoados. Mas quando Descartes e Bacon chegaram, a filosofia já tinha quase dois mil anos — Aristóteles é de 400 anos a.C..

Como acreditar somente naquilo que se tem prova, sendo que, para obter a prova de algo, você precisa acreditar em um milhão de outras coisas sem prová-las? Como é que acreditam em uma besteira desta? A começar pelo fato de raciocinar em uma determinada língua que não foi você que inventou. Você sabe exatamente a conexão entre as palavras dessa língua e a realidade? Não sabe; então, você está tateando, está andando no escuro.

Se o ser humano não tivesse uma capacidade de conhecimento que vai infinitamente além da sua capacidade de prova, ele jamais saberia nada! É justamente esta capacidade de conhecer sem provas que é decisiva. Afinal de contas, para que serve a prova? Ela só serve para outra pessoa. Por exemplo, se você viu um sujeito matar outro, e foi a única testemunha do crime. Como é que você vai provar o seu testemunho? Você não tem a prova porque você [mesmo] é a prova, é um elemento de prova. Se você colocar em dúvida para si mesmo o seu próprio testemunho e exigir de você mesmo uma prova, você não pode dá-la. Se você começa por exigir uma prova, você trava o mecanismo da própria prova — sempre se prova uma coisa a partir de outra que já está provada ou que é auto-evidente. Exigir uma prova de tudo o paralisa na mesma hora.

Do mesmo modo, qualquer experiência que você tenha depende de todo o seu conhecimento acumulado, do qual não se tem prova alguma. A prova é apenas um complemento do conhecimento, e exigir prova de tudo é uma coisa tão anormal e tão louca que seria motivo suficiente para internação. Se você duvida de tudo é porque já está possuído por um sentimento de que tudo é um engano, que tudo são aparências enganosas e que o único sujeito confiável é você. Você acha que isso é normal? É um bom começo para a filosofia? O sujeito primeiro fica louco e depois inventa uma filosofia para sair da sua própria loucura. Isso não é um bom meio, com isso você cria um falso problema.

A falta de confiabilidade de tudo não é um problema de maneira alguma, porque para você dizer que desconfia de tudo é necessário já confiar em tudo, você tem de confiar em várias coisas. Quando Descartes fala “penso, logo existo”, ele pode chegar a esta conclusão porque ele já partiu desta mesma conclusão **[00:40]**, ele já sabia disto desde o início, senão jamais chegaria até ela.

A prova é um elemento do discurso e não da percepção; não existem provas na percepção, só existem dados. A prova não entra no exercício do conhecimento, mas no exercício da discussão, ou seja, na transmissão do conhecimento. Se vi algo, não preciso provar aquilo porque eu sei, mas se eu digo aquilo para uma segunda pessoa, ela tem o direito de duvidar; então, eu tento provar, mas posso não consegui-lo. A prova é um elemento que diz respeito, sobretudo, ao convívio social e não ao conhecimento. Se você só quiser conhecer aquilo que possa provar e possa tornar, por assim dizer, obrigatório para os outros, você não saberá nada na vida. *Saber* é saber o que os outros não sabem, e saber coisas que, na maior parte dos casos, você não vai poder transmitir aos outros. O que você pode transmitir é uma fração do que você sabe, viu, acumulou etc.

O que acontece se nós reduzirmos o conhecimento humano a esta fração comunicável? Você tem um universo de discurso que está gravado em livros, DVD etc., e isto constitui uma espécie de microcosmo, que comparado ao mundo real é nada, é um zero. É preciso saber em qual dos mundos você quer penetrar: o mundo do conhecimento ou o mundo real. O mundo do conhecimento é uma ferramenta para chegar ao mundo real, mas ele tem seus próprios problemas internos, suas dificuldades internas, e você pode estacionar ali e ficar nelas o resto da sua vida sem jamais chegar a conhecer nada da realidade.

Todas essas dificuldades aparecem logo no início de uma carreira de estudante de filosofia, porque a tradição filosófica moderna já coloca tudo isso em cima de você. Quando você vai ler Platão e Aristóteles, você já os lê com os olhos dos seus intérpretes modernos, que podem criar muita confusão. Primeira dificuldade: o intérprete moderno está interessado na filosofia de Platão e de Aristóteles, e não na realidade que eles examinaram — as filosofias de ambos são objetos de investigação. Platão nunca estudou a filosofia de Platão e Aristóteles nunca estudou a filosofia de Aristóteles. Eles estudaram a composição do Estado, a natureza da percepção, a estrutura da realidade e mil outros assuntos; eles

jamais estudaram a sua própria filosofia. Agora, se ela própria se torna objeto do seu conhecimento, então [aí está um problema].

A filosofia de Platão e de Aristóteles, por mais completa que seja, não pode ter abarcado toda a realidade que eles conheciam, ela é constituída apenas de fragmentos. Ela jamais fará sentido se tomada sozinha, como conjunto, sem ter-se em conta a realidade da qual ela partiu; ela não completa nada, e você ficará o resto da vida levantando problemas sobre a coerência e a integridade da filosofia de Platão e Aristóteles que você jamais chegará a resolver. Essas coisas não têm solução! Ninguém pode fazer uma filosofia tão completa, que ela possa ser compreendida fazendo-se a abstração da realidade que ela investigou. Então, se você presta atenção demais à filosofia de Platão e Aristóteles, você fica louco! Porque o negócio não é estudar a filosofia de Platão e Aristóteles, é estudar a realidade usando as dicas que eles te deram — é só isso. Nenhum filósofo pretende ser completo, completo é só o universo real — na verdade, completo é só Deus, nem o universo é completo.

Durante o século XX inteiro houve um debate: a filosofia de Aristóteles é coerente e tem unidade desde o começo, ou Aristóteles mudou de idéia e passou por etapas? Sabem qual é a conclusão que chegaram até hoje? Nenhuma. Nem vão chegar, porque você olhando de um jeito parece de um certo modo, e olhando de outro jeito parece de outro modo.

Será que foi para isso que Aristóteles teve todo aquele trabalho? Se ele estivesse interessado nisto, ele teria escrito um livro chamado *Aristóteles*, ou um livro chamado *O Pensamento de Aristóteles*, mas ele nunca escreveu. Ele escreveu sobre os meteoros, a física, política, moral, conhecimento, mas nunca escreveu sobre a filosofia de Aristóteles. Então, é claro, a filosofia de Aristóteles não pode ser o objeto do nosso estudo — nunca! Isso é uma coisa de uma alienação tão terrível, que pode danificar um cérebro humano para o resto da vida! Ou seja, nós temos de estudar Platão e Aristóteles tendo em vista as coisas, as realidades da vida das quais eles falaram. Se não tem acesso direto a essas realidades, você pode tê-lo através da imaginação. Você lê outras coisas, obtém as informações necessárias sobre os assuntos dos quais eles estavam falando e, através disso, vai fazer uma série de analogias com a sua própria experiência real. [Assim], você vai entender de que eles estavam falando, sem nunca ter certeza de que você é o detentor da interpretação exata. “Eu cheguei aqui na interpretação exata da filosofia de Aristóteles” — nem Aristóteles nem Platão jamais lhe pediram isso, e se pedissem seriam completamente loucos.

Oitenta por cento da atividade acadêmica no mundo e nos centros de estudo mais sérios que há, consiste em esmiuçar textos de filósofos para chegar a uma interpretação exata do que eles estão falando, ou seja, é uma atividade terrivelmente alienante. Vejam que nas ciências físicas não há esse problema. No caso da teoria da relatividade, por exemplo, as pessoas não estão interessadas no texto e na obra em que Einstein expôs a teoria, eles estão interessados em saber

se ela funciona no mundo real. Considerando a totalidade dos físicos que existe no mundo, quantos deles estudaram a teoria da relatividade no original de Einstein? Só dois ou três! A maioria estudou de segunda, terceira ou quarta mão! Eles não estão interessados na precisa interpretação do texto, mas na sua aplicação ao mundo real — e em filosofia deveria acontecer a mesma coisa, porque ela também está falando do mundo real.

Deixem-me explicar para vocês o que aconteceu com Emile Durkheim e Hyppolite Taine. Taine é um dos maiores historiadores de todos os tempos e o livro dele, *Origens da França Contemporânea*, para mim, é um modelo de como se escreve história. Raríssimas pessoas conseguiram entender a revolução francesa nos seus mecanismos interiores tão bem quanto Taine. Hoje se sabe muito mais do que ele sabia, mas, em parte, isto ocorreu graças a ele.

Desde o início, os admiradores da revolução francesa não gostaram muito desse livro, porque ele mostrava como foi que aquelas *sociedades de pensamento* — como se chamavam no século XVIII — conseguiram inventar um mundo fictício, uma espécie de mundo platônico das idéias; conseguiram se desligar totalmente da realidade da vida social francesa e inventar um monstrengo que, em seguida, tentaram aplicar, com os resultados mais desastrosos, porque a revolução francesa foi um fracasso em todos os sentidos — foi um negócio enormemente sangrento que não deu em nada. Depois da revolução veio a ditadura de Napoleão; logo ele caiu, houve várias restaurações e revoluções **[00:50]**, e assim, durante cem anos, a França ficou patinando no lugar. Se você observa a trajetória da França depois disso, ela vai de queda em queda. Até o século XVIII, a França era o país mais poderoso do mundo; quando chega ao século XIX, já leva uma surra dos alemães — o que é uma coisa terrível; depois, busca uma vingança em 1914 — consegue mais ou menos a vingança, a um preço enorme —, e na Segunda Guerra dá aquele vexame — os alemães invadem aquilo por telefone.

E hoje, o que é a França? É um *office-boy* dos países árabes. Chamá-la de potência de segunda classe é um erro, [pois] a França não é nada — foi isso que a revolução fez. Se é verdade que “pelos frutos, os conhecereis”, a revolução francesa jogou a França no lixo — e agora as pessoas celebram aquilo! Quando você não tem virtudes para louvar, começa a louvar seus defeitos, começa a se orgulhar dos seus pecados. Em 1989, houve muitas reações na França, muita gente dizia: “Não, não há o que comemorar, isso aí foi uma loucura”, historiadores de peso diziam isso. Mas no século XIX não era muito elegante dizê-lo — o Taine foi o primeiro que disse.

A técnica, o método do Taine, era entender as ações a partir dos seus agentes individuais ou grupais, ou seja, como eles interpretavam a situação, como eles a viam, o que queriam, o que fizeram e o que obtiveram; isso, na verdade, é a própria definição da História. Quando a sociologia moderna é inventada por Durkheim, ele faz uma crítica a esse tipo de historiografia, dizendo que por baixo das ações dos agentes existem fatores muito mais decisivos, que são fatores

impessoais, o que ele chama de *fatos sociais*. Os fatos sociais são forças que pesam sobre a sociedade — sobre os seres humanos —, sem que isso dependa da intenção de quem quer que seja, são fatores anônimos como as instituições, hábitos, resultados estatísticos etc. Durkheim, então, cria uma ciência para estudar essas coisas.

Se você tem a mais mínima prática de Aristóteles, sabe que um está falando de causas próximas e o outro de causas remotas, e que não tem sentido em confrontar uma coisa com a outra. A causa remota jamais pode abolir a causa próxima e esta, por sua vez, pode refletir a causa remota ou pode ir contra ela. Não há causa remota que force uma causa próxima a acontecer.

Partindo da escola do Durkheim, que acabou tendo influência também na historiografia, nós chegamos ao Ferdinand Braudel, que tinha como ideal uma história sem personagens, uma história que é feita apenas de médias estatísticas, regras institucionais etc. É o Émile Durkheim elevado à enésima potência. Quando você lê aquilo, vê que tudo está muito bonito, porém que não explica absolutamente nada. Em primeiro lugar, essas causas remotas e fatos sociais não existem em si mesmos, eles são criados pela ação humana e só exercem alguma influência através de outras ações humanas, que ou as confirmam e as reforçam ou as impugnam.

Por exemplo, um país miserável onde todo mundo está abaixo da linha da pobreza é um fato social; você não pode dizer que ninguém fez a pobreza, mas não há um agente específico que a criou. Aquilo é, como disse Max Weber, um conjunto de resultados impremeditados de ações humanas. Essa pobreza pesa sobre todos os seres humanos e evidentemente limita as possibilidades de ação humana. Mas ela determina alguma ação humana? A pobreza causa diretamente alguma ação humana? Eu sei que ela limita, porque quando quero comprar algo e não tenho dinheiro, eu não compro — é uma ação humana que eu não posso fazer. A pobreza certamente limita a ação humana. Mas ela determina alguma [ação humana]? Observando a relação entre pobreza e criminalidade, por exemplo, você vê que alguns dos países mais pobres do mundo estão entre os mais violentos, e outros países que também estão entre os mais pobres do mundo estão entre os mais pacíficos. Não há como dizer, portanto, que a pobreza causa criminalidade. Ela pode ser uma causa remota se intervier nisso alguma causa próxima como, por exemplo, você espalhar entre as pessoas a idéia de que os pobres, por serem pobres, estão livres de certas obrigações morais, que eles podem começar a delinqüir por acharem que têm este direito. Isso é uma causa cultural mais próxima, mas que não determina que as pessoas vão delinqüir — para delinqüir você precisa ter os meios para fazê-lo. Se um sujeito é pobre e não tem meios de fazer nada, então ele também não tem meios de delinqüir, meu Deus do céu! A delinqüência custa caro! A não ser que você se refira à delinqüência como um sujeito sozinho que roubou uma banana na feira — isto aí não chega a ser criminalidade, é irrelevante. Mas quando você tem uma onda de crimes que mata cinquenta mil pessoas por ano, como no Brasil, e algumas

pessoas começam a explicar isso pela pobreza, eu lhe pergunto como é que essas pessoas tão pobres, que não têm dinheiro para comprar um sanduíche de mortadela, podem comprar um fuzil AR-15 ou uma metralhadora UZI — há algo errado aí! Ou essas pessoas foram roubando de banana em banana, e economizando um pouquinho de cada banana, até chegar no fuzil — o que levaria aproximadamente 250 anos —, ou interveio alguma outra causa. Chegou, por exemplo, um sujeito rico, de fora, deu um AK-47 na mão do moleque e disse: "Agora tu vai assaltar com isto aqui e me dar a metade".

A pobreza faz com que alguém intervenha dessa maneira? Não, a não ser que alguém tenha esta idéia: "Lá tem um monte de pobretões morrendo de fome, se eu oferecer a eles um meio de fazer um crime que os tire da miséria, isso pode ser um bom negócio para mim", mas alguém precisa ter essa idéia. E de onde ela surge? Do modo como ele concebe as coisas! Voltamos, então, ao Hyppolite Taine: você vai ter que explicar o que o agente queria; como ele enxergava a situação, como interpretava a situação, o que ele quis fazer e quais são os meios que ele colocou em ação para poder realizar o que queria.

A ciência social ou sociologia surge inteira em reação contra a historiografia psicológica, e ela já começa errada. Se a sociologia, primeiro, é o estudo dos fatos sociais, e você ao mesmo tempo os define como aqueles fatores que pesam anonimamente, sem autor e independente da vontade de todos, então a sociologia jamais estudará a causa do que quer que seja, só estudará causas remotas, hipotéticas, possíveis e impotentes por si mesmas de produzir qualquer resultado. Em segundo lugar, ela fará a abstração de toda ação humana. O que é a sociedade considerada sem as causas imediatas e sem a ação humana? É um fantasma.

[1:00] Você veja que esta tendência de buscar sempre as causas profundas, as causas estruturais, acaba nisso. Essas causas estruturais podem agir de maneira sempre limitante, elas não podem, por si, determinar que nada aconteça — nenhuma causa remota é causa eficiente. A causa remota opera, mais ou menos, como se fosse uma causa formal e uma causa final. Ela cria uma definição do estado de coisas e pode sugerir certos objetivos, mas não pode determinar a ação.

Em toda e qualquer ação humana existe o agente humano concreto. De onde surge esta idéia de fatores impessoais espalhados na sociedade e que teoricamente são as causas das coisas? Se você estudar a origem dessa idéia pelo método do Taine — que não a estudou profundamente, como um outro sujeito chamado Augustín Cochin que estudou com minúcia —, você verá que no século XVIII surgem, sobretudo na França, as tais *Sociedades de Pensamento*, que eram clubes de debates. Eles se substituem aos antigos salões literários — emergem deles — e vão um pouco adiante. Alguns estão ligados a sociedades secretas maçônicas, iluminatti etc., outros não. Esse é um fenômeno que Voltaire chamou de república das letras: é uma massa de intelectuais, uma grande

quantidade de pessoas letradas ou semi-letradas que se reúnem para dar palpite sobre tudo o que existe.

Na gravação que eu fiz sobre absolutismo e revolução (Vídeo “Absolutismo e revolução”, *disponível em:* http://www.seminariodefilosofia.org/node/479), eu mostrei qual foi a situação que predispôs a criação das sociedades de pensamento: o advento do estado moderno, que se coloca como uma entidade neutra acima dos conflitos de religião e que, portanto, cria o dualismo entre o que é a atitude admissível do cidadão em sua vida pública e o que é opinião pessoal, que ele tem de guardar para si e para seus amigos. Claro que é uma situação inteiramente artificial. Essa divisão é difícil de manter, [porque] você não pode ter uma idéia para si próprio e outra para o público; cria-se, então, esse dualismo. Resultado: tudo aquilo que reflete a *opinião real* das pessoas não tem viabilidade na vida pública e, por isso, tem de encontrar um canal por onde escoar. “Já que isso do que nós falamos não tem importância na política, pelo menos discutiremos entre nós” — essa é a chamada opinião pública. "As nossas opiniões não podem condenar uma pessoa à cadeia mas podem manifestar a nossa desaprovação"; e, dessa forma, se cria o castigo moral, onde você não é aprovado pelo círculo das pessoas letradas, importantes, das pessoas maravilhosas etc. Isso foi estudado brilhantemente em um livro chamado *Crítica e crise* de Reinhard Koselleck, que é um clássico. E há muitos livros a respeito disso, dos quais os do Augustín Cochin e o do Koselleck me parecem os melhores, mas há muitos outros.

Essas sociedades começam, em primeiro lugar, com o intuito muito compreensível de criar um espaço onde as opiniões pessoais pudessem voltar a ter alguma importância, mas logo se convertem em algo mais — em meios de destruir a própria política que as havia criado. Isso quer dizer que se a opinião majoritária não tem autoridade política, ela pode se esforçar para ela própria se transformar em autoridade política; e isto é, evidentemente, uma das causas imediatas da revolução francesa. As sociedades de pensamento criam, primeiro, uma autoridade paralela, que não pode mandar ninguém à cadeia e não tem poder político para exercer, mas tem o poder moral, o poder cultural, e pode fazer com que certas pessoas sejam mal vistas.

Na metade do século XVIII, essas sociedades já tinham alcançado um poder tamanho que tiravam da vida intelectual quem elas quisessem. Queimavam a reputação do sujeito de tal maneira que ninguém mais podia falar dele — por exemplo, a *Academia Francesa*, por volta da metade do século XVIII, já era dominada por essa gente. E você veja que o próprio D'Alembert, que era um dos chefes da enciclopédia francesa — uma espécie de condensação das convicções das sociedades de pensamento —, dizia: “Nós botamos qualquer um, qualquer mediocridade na Academia Francesa, desde que pense como nós”. O cara confessava isso. Então, o que eles tinham feito? Já foi uma revolução *gramsciana* em pleno século XVIII.

Curiosamente você vê que o plano da revolução era dividido em três etapas: (a) o estágio filosófico, (b) o estágio político e (c) o estágio revolucionário — nomes que o próprio pessoal das sociedades de pensamento usava.

(a) O estágio filosófico é você dominar a opinião. Ou seja, você não tem poder político, não tem influência política direta, mas é o senhor do louvor e da censura, do prestígio e dos mecanismos de marginalização — você cria ídolos e condena pessoas ao ostracismo. Eles já tinham esse poder no meio do século XVIII, quarenta anos antes da revolução francesa. Isso aí já era a revolução cultural. Você não está fazendo política, e muitas vezes você se recolhe. Em alguns casos, as atividades de algumas sociedades — de tipo maçônica, por exemplo — são tão discretas que chegam a ser secretas, ninguém pode saber o que está se passando lá; ninguém sabe de onde veio a decisão de queimar a reputação de fulano e tornar fulano odioso; ninguém sabe de onde veio a decisão, mas ela veio dali. Em outros casos, o processo de discussão era mais público, mas o resultado era sempre o mesmo e havia milhares dessas sociedades na França. Então, [elas] dominaram todo o panorama cultural francês durante o século XVIII — um século antes de passar ao estágio político.

(b) O estágio político é quando as sociedades de pensamento já tem a seu serviço partidos políticos — clubes, como eles chamavam na época e que hoje nós chamamos de ONG's —, e a idéia de opinião pública era essa. A opinião pública não era a opinião do povo, era a opinião dessas pessoas, que comparadas à população total eram pouquíssimas. Mas quando aquilo espoucava em público vinha com uma impressão de unanimidade terrível e espontânea, porque apareciam mil pessoas dizendo as mesmas coisas desde fontes e de lugares diferentes.

Diz o Augustin Cochin que, examinando todas as discussões dessas sociedades de pensamento, a coisa mais incrível é a seguinte: elas eram sociedades de livre pensamento, mas nunca aparece uma única objeção. Não há discussão nenhuma, há uma concordância tremenda. **[1:10]** Como eram sociedades de livre pensamento se você já tinha a opinião majoritária que decidia tudo? E que [espécie] de sociedade de discussão e debate [é essa] , se não há debate nenhum? É exatamente como o Foro de São Paulo: eles dizem que é uma sociedade de debate, mas eu li todas as atas do Foro de São Paulo e não vi um único debate — tudo é aprovado por unanimidade. Se todos eles estão unânimes, vão debater o que? As sociedades de pensamento do século XVIII funcionavam exatamente assim.

Elas criaram essa impressão de forças anônimas, de uma unanimidade espontânea na sociedade. E decorrendo cem anos, Émile Durkheim inventa uma ciência que vai tomar essas coisas como realidade e como seu verdadeiro objeto de estudo. Ou seja, é uma ciência inteira que nasceu errada. Claro que depois houve outros sociólogos que tentaram consertar isso, mas a inspiração inicial da ciência foi uma empulhação, evidentemente. Durkheim não sabia que era uma

empulhação porque ele não tinha cabeça para isso, mas ele acreditou que essas coisas existiam em si mesmas. Quando você vai ver, elas resultam apenas da ação humana organizada. Qual é o método que funciona? É o método do Taine. Esse método explica até aquelas coisas que o Durkheim chama de fatos sociais. Não há um só fato social que não tenha surgido de decisões humanas. Talvez essas decisões tenham sido esquecidas e você não sabe de onde elas vieram; muitas vezes o processo decisório vem camuflado. No caso das sociedades secretas, está mais que camuflado, ele está totalmente oculto, você não sabe de onde veio. Mas quando passa o tempo, aparecem as atas, as discussões etc., e você acaba percebendo. Isso quando a própria sociedade secreta, vendo o sucesso dos seus empregos, não vem e confessa que foi ela que fez tudo aquilo.

Eu me lembro que após a revolução de 1964, em seu décimo aniversário, os chefes da ordem maçônica desfilaram junto com os milicos, porque já tinha dado certo, já estavam no poder: “Então vamos contar que fomos nós mesmos que fizemos”. Ninguém prestou atenção, mas eu prestei. "Se deu certo nós confessamos que fomos nós; se não deu, ficamos quietos porque já aconteceu". É por isso que eu não acredito que a maçonaria tenha controle de nada do que acontece. Ela mexe em tudo; em tudo o que está acontecendo ela vai lá e dá um empurrãozinho. Pelo menos ajuda negativamente, quer dizer, se o sujeito está fazendo uma sacanagem: "Ah! Mas ele é nosso companheiro maçônico, então nós não vamos falar nada, vamos deixar fazer a besteira que ele quiser". Alguma coisa sempre dá certo, eles sempre têm do que se gabar; e alguma coisa sempre dá errado e, portanto, eles têm o que esconder.

Quando nós estudamos a origem desses fatores impessoais, notamos que, em primeiro lugar, nenhum deles é impessoal. Nada na sociedade humana acontece espontaneamente, tudo é feito. Tem coisas que são feitas até por impregnação inconsciente — é claro, mas alguém tem de fazê-las. Para o sujeito fazer algo por hábito, alguém precisa passar o hábito e o outro precisa contrai-lo. Então, você sempre pode rastrear e ver onde começou.

O Ortega y Gasset tem uma frase maravilhosa, que diz: “A sociedade humana é o humano mineralizado.” Quer dizer, aquilo que nasceu como ação humana, como intenção humana, consolida-se em hábitos que ninguém sabe mais de onde veio. Mas nem por isso eles são *fatos sociais* no sentido do Durkheim. Fato social é uma falsa impressão criada pelo esquecimento das origens da ação humana — é sempre assim.

Nas ciências sociais, a confusão entre *causa próxima* e *causa remota* é quase obrigatória. Procurem reparar que quando as pessoas explicam qualquer fato por causas genéricas, remotas, elas nunca mostram o elo, ou seja, como uma coisa produziu a outra. Por exemplo: como a pobreza pode criar a criminalidade? Qual é o processo exatamente? Quer dizer que por que eu sou pobre, fico revoltado, então decido me tornar um criminoso? Pode até ser. Você, [assim], está explicando a influência psicológica que um determinado estado de coisas,

anônimo e impessoal, teve sobre uma cabeça humana. Só que como é que essa ideia vai botar nas mãos do criminoso os meios de delinqüir? Não pode botar. A revolta contra a pobreza não dá caminhos a ninguém. Quantas vezes eu não fiquei revoltado por não ter dinheiro para fazer isso ou aquilo? E isto me pôs dinheiro na mão? Claro que não, precisa ter uma outra causa. E esta segunda causa precisa da pobreza necessariamente como causa secundária, como causa predisponente? Não precisa. Se alguém lhe oferece um grande negócio ilícito pelo qual pode ficar milionário, você precisa estar paupérrimo para aceitá-lo? Não, ao contrário. Se já tiver algum dinheiro é mais fácil ainda, porque você pensa: “Se der errado eu, afinal de contas, já estou garantido e não vou perder tanta coisa.”

Isto pode ficar como norma para vocês: qualquer explicação causal implica que não existe só causa e efeito. Existe *causa*, *meio* e *efeito*. Entre algo que te predispõe a agir de determinada maneira e a ação real existe um meio que lhe tornou possível fazer aquilo. Procure sempre os meios, ou seja, o que Aristóteles chamava de *causa material*. Você tem, [de um lado], um motivo para fazer o crime e, do outro, o crime. Mas com *o que* você faz o crime? O “*o quê*”, evidentemente, não é só o material no sentido físico da coisa. Por exemplo, a organização criminosa. Você vai fazer um crime absolutamente sozinho? Não dá para fazer absolutamente sozinho. Dá para você roubar uma banana, mas para fazer uma coisa séria não dá. Você não pode roubar um banco, traficar tóxicos ou fazer um sequestro absolutamente sozinho; e assim por diante.

Quando vemos a produção dos meios, aí entendemos que a causa remota funciona, no máximo, como uma condição predisponente ou como uma sugestão — algo que inclina. É uma influência de tipo astrológica: os astros inclinam mas não obrigam — é a mesma coisa. Os fatos sociais inclinam mas não obrigam. Então, eles jamais se explicam a si mesmos.

Nós podemos dar inúmeros outros exemplos disso aqui. Mas essa explicação não serve só para isso, ela serve também para adverti-los de que se vocês querem manejar direitinho esses mecanismos e essas distinções de modo a diminuir o número de erros, não vai adiantar ler e estudar tudo que existe sobre as categorias de Aristóteles. *Quanto mais você estudar isso, mais erros vai cometer*, porque se eu estou dizendo que estes mecanismos e estas distinções são espontâneas na percepção humana, dificilmente um estudo erudito disto vai aprimorar o funcionamento desses mecanismos de percepção — pode até atrapalhar. Por exemplo: você sabe respirar, não sabe? Estudar toda a fisiologia da respiração vai lhe ajudar a respirar melhor? Talvez ao fim de muitos anos, de tanto estudar, você possa até descobrir alguma técnica. **[1:20]** Mas, de imediato, se quiser acompanhar na sua respiração todos os mecanismos que está estudando, você perderá a espontaneidade da respiração e vai começar a respirar muito mal. E mais ainda — teste decisivo, este é o teste final: a fisiologia da ereção vai ajudar você na hora “H”? Vai atrapalhar pra caramba, e você: “Como é que estava escrito lá mesmo? Como era aquele negócio?” — vai ser um desastre!

Com as categorias de Aristóteles é a mesma coisa. Claro que você pode estudar Aristóteles. Se você estudar do jeito certo, verá que não fará mal nenhum e, no fim das contas, vai ajudar. Mas a primeira coisa é conservar a espontaneidade e a integridade do seu mecanismo de percepção. E aí nós nos reportamos à aula passada, em que vimos que a saúde do imaginário é tudo. Na aula que vem, eu darei umas explicações a mais sobre esses pontos, mas agora tem um monte de perguntas aqui, então eu eu vou começar a respondê-las.

Interrupção da transmissão **[01:21:50]**
Retorno da transmissão **[01:27:42]**

Antes de passar às perguntas, eu queria lembrar que em todas as discussões públicas, sejam de domínio político, cultural ou científico, nota-se que a autoridade imediata à qual se apela é realmente a da opinião majoritária — a chamada *mainstream opinion.* É a opinião dominante entre as pessoas que aparentemente sabem do assunto.

Para Aristóteles, a opinião dominante era o começo do problema. O que ele fazia era pegar, antes de tudo, a opinião dominante e usá-la como material para investigar o assunto. Ou seja, o que interessa na opinião dominante são, justamente, os seus aspectos problemáticos e opositivos. Dentro da opinião dos sábios, como ele chamava, nós temos de explorar, sobretudo, as divergências, porque elas nos mostrarão os vários aspectos do objeto que chamaram a atenção das pessoas que nele prestaram atenção, e isso nos dá uma dica sobre quais são as perguntas que nós devemos fazer sobre um objeto.

Hoje em dia, a opinião dominante é tida não como o começo da investigação, mas como o seu fim, como a sua solução, e quando as pessoas se afastam dessa opinião dominante, elas se sentem inseguras e têm medo de parecer ou de, até mesmo, ficar loucas.

Vocês vejam o efeito que teve na nossa sociedade a formação e a atuação dessas sociedades de pensamento a partir do século XVIII. Elas conseguiram criar um mecanismo de **[1:30]** intimidação que inibe a mente humana de modo que ela não pode nem começar a investigar o assunto. Se você aceita que tais ou quais assuntos já são conhecidos e que as pessoas letradas, as pessoas cultas ou as pessoas importantes já sabem a solução daquilo, a sua inteligência [já] bloqueou na mesma hora. Você não pode nem começar a pensar, não pode montar a questão dialeticamente.

O que estou assistindo aqui nos EUA, com relação a esse problema da certidão de nascimento de Barack Obama, eu acho muito impressionante porque não há prova documental de absolutamente nada. Então, o que é certo? Ninguém sabe nada! E se ninguém sabe nada, qual é a atitude razoável? Colocar um ponto de interrogação e deixá-lo ali até que a coisa se resolva.

Quando vemos a facilidade com que as pessoas proclamam como uma certeza absoluta: “Barack Obama nasceu no Havaí no dia tal, é filho de seu fulano etc”. Desculpe, mas como você sabe? De onde vem essa sua certeza? É incrível! Agora, se escapa dessa certeza, você é tido como louco. E pior é que como você é tido como louco, você começa a agir como louco mesmo, porque a insegurança que essa *sociedade de pensamento* inocula penetra dentro de você. Não é porque você está contra elas que você está habilitado a enfrentá-las. Para se opor efetivamente a uma opinião dominante, você precisa tê-la superado realmente, ou seja, não precisa depender dela por mais mínimo que seja, e isso só é possível se você tiver seguido o método de Aristóteles: você vai partir da opinião dominante, vai examiná-la e vai usá-la como material para equacionar o problema. Daí você não depende mais dela, porque sabe que a opinião dominante não é a instância julgadora, [mas] é parte do problema. Aliás, ela é o começo do problema. Fora disso, se você está simplesmente contra essa opinião e não gosta dela, ainda assim pode estar raciocinando de acordo com o parâmetro que ela lhe prescreveu — ela vai afirmar uma coisa e você vai afirmar o contrário dela. E o problema pode não ser realmente esse.

Aqui nos EUA, a opinião dominante é obamista, então o importante para eles é reforçar tudo o que dê uma credibilidade, dê uma legitimidade ao Obama como presidente da república. O que o outro lado fez foi negar a legitimidade, mas eles também não podem fazer isso, porque não têm elementos para negar; eles só têm elementos para perguntar. Se não tem uma prova séria de que o Obama nasceu exatamente onde ele diz que ele nasceu, você também não tem uma prova de que ele nasceu em outro lugar.

Quando examinei tudo isso, eu perguntei: “Do que nós temos prova, qual a única coisa substantiva que temos?” Pensei, examinei e concluí que só temos uma coisa de substantivo, que é o alistamento militar do Obama, assinado em 1988 num formulário que só foi impresso em 2008. Então, nós temos uma prova material do que chamaremos no Brasil de *falsidade ideológica*. O sujeito falsificou um documento, disso nós sabemos. Eu não sei se ele nasceu no Havaí, se nasceu na Bahia, se nasceu no Quênia ou se nasceu no "raio que o parta" — ninguém sabe isso, ninguém! E quem quer que diga que sabe, está mentindo. E quem diz que sabe que ele nasceu no Quênia, também está mentindo, pois ninguém tem prova disso. Mas o alistamento militar está provado! Então, qual deveria ser o centro do debate? Este aqui, porque este dá para resolver. No entanto, ele foi o menos discutido até agora.

Eu acredito que haja algo de falso na certidão de nascimento originária dele, ou algo de comprometedor. Por quê? Porque eu sei que ele já falsificou um documento — quem fez uma, faz duas. Então, eu sei que nenhum documento de Barack Obama é confiável — esse é o ponto. Mas, quando o pessoal dos chamados *birthers* decidiram se apegar à questão da nacionalidade e da legitimidade, transformando, portanto, o debate numa questão de direito constitucional, eles reforçaram o adversário. Por quê? Se pode alegar contra um

sujeito um crime de falsificação material, se pode alegar contra ele o código penal, para que você vai alegar o direito constitucional? Se a discussão está na esfera do direito constitucional, não está na esfera do crime, está numa esfera muito mais elevada, muito mais elegante. Você está apenas questionando o direito dele ser presidente da república, enquanto que questionar o lado penal seria questionar o direito dele andar na rua — ele teria de estar na cadeia!

Mesmo as pessoas que odeiam a opinião majoritária são influenciadas negativamente, no sentido de que você tende a se opor mecanicamente a ela. De certo modo, ela está determinando o repertório dos seus pensamentos, e você vai ser vítima dela de qualquer maneira.

Infelizmente, eu mesmo percebi isso demasiado tarde. Eu só percebi acho que dois ou três dias antes da eleição. O problema do alistamento militar estava bem na minha frente havia já uns dois meses, publicado na coluna da Debbie Schlussel e, de repente, eu me toquei: para que levantar contra o sujeito uma acusação duvidosa se tem uma certa?

De onde veio esse erro? Por que as pessoas erraram nisso? Esse caso é muito, muito ilustrativo de tudo que eu estou dizendo. Eles pegaram o problema na categoria errada, porque todo o problema já aparece para eles como uma questão eleitoral. Portanto, trata-se do exercício regular de um mecanismo usual da democracia, que é a eleição. Então, naturalmente, você vai enfocar aquilo como um problema eleitoral, e, dessa forma, [como] um problema de legitimidade. Se é um problema de legitimidade, então se trata de uma questão que é também normal no processo eleitoral democrático. Por que é normal? Tinham acabado de examinar os documentos de John McCain, que nasceu numa base americana no Panamá. Assim, questionaram se ele tinha legitimidade para ser candidato; e ele provou que tinha, porque a base americana é território americano — e ponto final. Mas ele teve de provar tudo.

No caso do Obama, houve uma inibição de fazer o mesmo exame. Por quê? Porque não havia uma prova de que ele tinha nascido em outro lugar, havia apenas uma dúvida. Então, eles escolheram, por lapso, o argumento mais fraco, que é o argumento da legitimidade. Você vê, assim, como o domínio que um certo grupo de pessoas — um grupo enorme evidentemente, mas um grupo no fim das contas – tem sobre a opinião majoritária, limitando o pensamento de todo mundo, inclusive daqueles que odeiam isso.

Ora, para você sair disso, é preciso um processo que chamamos justamente de uma “desaculturação”, quer dizer, você precisa sair de dentro da sua cultura e começar a ver com olhos de outras. O pessoal faz isso hoje; por exemplo, os antropólogos. Aliás, desde o século XVIII, [eles já] faziam isso. Inventavam o *bom selvagem* que chegava na Europa e olhava as instituições com estranheza, e faziam, então, a crítica das instituições européias pela sua falta de lógica. Esse selvagem **[01:40]** aparece, por exemplo, nas *Cartas Persas,* de Montesquieu, mas

muita gente escreveu livros desse tipo — foi uma verdadeira moda. O observador estranho que não está entendendo, cuja função número um é não entender nada e mostrar [que] a sua inteligência [é] superior justamente porque não entende, foi invenção do século XVIII. Evidentemente, esse selvagem, esse estrangeiro, era o próprio filósofo, *philosophe*, que fazia abstração das condições históricas, reais, culturais, e tinha determinado aquele estado de coisas; [então], olhando a instituição separada e isoladamente, encontrava nela uma falta de lógica. Ou seja, é um método estúpido, é a incompreensão metódica.

Mas estas sociedades de pensamento são a base do que ainda chamamos opinião pública. A opinião pública hoje se produz mais ou menos do mesmo modo, só que as sociedades de pensamento se institucionalizaram — se tornaram universidades, se tornaram partidos políticos, se tornaram ONGs etc. E você não está mais no simples estágio filosófico; está mais no estágio político, já tem uma tradução política direta.

Para escapar disso, você tem de olhar com olhos de outras culturas, mas não no sentido antropológico, não no sentido em que fazia o selvagem do século XVIII. Você tem de sair da sua cultura não geograficamente, mas temporalmente, historicamente — olhar com olhos de outros tempos. E quando faz isso, você freqüentemente descobre que aquilo que é incompreensível pelo olhar de hoje é facilmente compreensível, às vezes, para um filósofo de outras épocas.

Coisas que parecem enigmáticas para nós seriam facílimas para Platão ou Aristóteles, porque eles já tinham entendido isto. Então, você se desacultura, deixa de ser uma vítima da pressão da sua própria cultura, na medida em que absorve o legado de outras épocas e incorpora na sua pessoa, de modo a dizer: “Eu não sou mais um homem de minha época, eu sou um homem de qualquer época; eu estou tão à vontade na Grécia [Antiga] quanto agora”. Na Grécia, ou na Ásia, ou na Índia — “Eu não estou preso a essas categorias”. A função desses estudos é precisamente fazer com que — lembre a aula anterior — o seu meio de referência não seja nem o seu meio imediato e nem a opinião dominante, o *mainstream*. Tem de ser a opinião dos sábios de todas as épocas, o olhar dos mestres, de que falava São Tomás de Aquino. É perante esses que eu não quero fazer papel de louco.

Mas, e perante o *New York Times* ou perante a universidade de Harvard? Esses são crianças e nós não podemos respeitar a opinião deles, [porque] é gente inculta, na verdade. Se você verificar o debate público americano — não o brasileiro, pois está fora do páreo —, verá que todo ele é empreendido por intelectuais de médio porte, o pessoal do nível da mídia. Não são intelectuais “peso-pesado”, que praticamente não existem mais — existem dois ou três, mas a conexão orgânica entre os formadores de opinião e os grandes intelectuais acabou. Se você recuar, por exemplo, até os anos trinta ou quarenta, vai ver que qualquer jornalista que discutia literatura sabia que tinha de prestar atenção no que estava falando, porque estava ali o T. S. Eliot olhando para ele, o F. R. Leavis,

o Ezra Pound, e, portanto, tinha que ter cuidado no que ia falar. Acima da intelectualidade falante havia intelectuais de primeiro plano, o que, hoje nos EUA, não há mais — no Brasil não se vê nem a camada média, [pois] é toda constituída de analfabetos.

Então, nessa questão dos *birthers* aparece, por exemplo, a Ann Coulter, dizendo "Não, isso aí é loucura! É teoria da conspiração!" Ela é a típica formadora de opinião média e não tem condição para julgar esse assunto objetivamente. Logo, o que ela faz? Pensa: "Eu vou dizer uma coisa que dê a impressão de que eu sou normal, pois não quero parecer louca". Eu sempre adotei o seguinte critério: um esforço demasiado para parecer normal indica que você não está muito "bom das pernas". Mas se você é um intelectual de peso, sério, você é o juiz da sua própria normalidade e da normalidade alheia. E não é difícil você mostrar para todos esses palpiteiros o quanto loucos eles são.

Se tem um sujeito que diz que eu estou com a teoria da conspiração, eu lhe digo: "Escuta, meu filho, eu vejo tantos sinais de psicopatologia em você e vou mostrá-los aqui, e fica quieto, que você vai sair dessa discussão em uma camisa de força, com uma injeção de Haldol na bunda. Eu não estou perguntando [nada] para você. Se eu quiser saber se eu sou louco, acha que é para você que eu vou perguntar? Aí teria de ser realmente louco, [pois] eu vou me submeter ao julgamento psiquiátrico de um idiota semi-esquizofrênico. Você não tem autoridade nenhuma para julgar nem esse assunto em particular, quanto mais loucura e insanidade." Sanidade para mim é o bom e velho Aristóteles: nós vamos tentar descobrir as coisas por um método que possa nos esclarecer alguma coisa. E a opinião *mainstream*? Essa faz parte do material que você vai estudar. Na opinião *mainstream,* uns dizem isso, outros dizem aquilo, e nós começamos a montar a coisa até chegarmos a uma solução razoável. Porém, acontece que hoje em dia não há mais pessoas em número suficiente para fazer isso, nem mesmo nos EUA.

Nos anos 70, eu escrevi um texto chamado "Imprensa e Cultura", e eu tinha começado a observar que os meios de comunicação de massa, que no início do século refletiam a alta cultura, estavam começando a moldá-la, prenunciando o fim da alta cultura. Quer dizer, se tudo o que você fala tem de ter uma tradução jornalística direta, se cada estudioso já tem de falar para o público em geral, está tudo acabado! O normal é o pessoal da alta cultura falar para os formadores de opinião, e os formadores de opinião falarem para a sociedade — essa seria a hierarquia normal. Não faz sentido dizer tudo isso que falo para vocês em artigos de jornal. Primeiro, porque não há espaço; e segundo porque esse tipo de coisa você fala para quem vem perguntar — a gente dá o estudo para quem quer estudar. Você não pode sair batendo de porta em porta e pedindo que "estudem, pelo amor de Deus!". Você vai estar prostituindo o seu material, porque ele vale alguma coisa, e vale para quem pede: "E trata de pedir com educação, senão eu te mando embora. Não precisa pagar muito dinheiro, pode pagar baratinho porque nós não vamos fazer aqui seleção econômica. Mas a seleção é pelo desejo

do coração. Eu quero ver a sua sinceridade. Se estiver sinceramente empenhado para aprender, eu faço tudo para você aprender, eu gasto meu tempo, meu dinheiro, tudo, tudo, tudo. Agora, se você vem com treta pra cima de mim, dou-lhe um pé na bunda que você vai parar lá em Vila Nhocuné. Não vou perder meu tempo com vagabundo.” Então, não vou ficar vendendo isso barato na mídia, não dá para fazer.

Eu fiquei mais de trinta anos no jornalismo, conheço muita gente. Não conheço muito bem o pessoal novo, mas os chefes deles, os chefes de redação, a elite jornalística, eu conheço toda. Se considerarmos a classe jornalística inteira, quantos destes estão habilitados a serem meus alunos? Nenhum. Eu não tenho os formadores de opinião para os quais falar, [porque] eles não têm a capacidade de acompanhar o que eu estou falando. Se me disserem que, agora, eu vou dar aulas para o Luís Garcia, de O Globo... Deus me livre! Lavar a cabeça de burro? Ele não tem capacidade para entender o que eu estou falando, nem para ler os livros do que eu estou dizendo. Você acha que o Luís Garcia é capaz de ler um livro de Aristóteles? Ou Edmund Husserl? Nunca, então acabou. Os formadores de opinião, que deveriam ser pessoas de formação universitária superior, embora não capacitados para exercerem as funções superiores, não têm a capacidade suficiente nem mesmo para **[1:50]** acompanhar esses estudos passivamente.

No Brasil, essa situação é muito mais dramática, mas aqui [nos EUA] essa camada de intelectuais médios ainda existe, e este é o público para os quais falam os filósofos, os grandes escritores etc. Só que hoje não há mais os grandes filósofos, os grandes escritores — eu não vejo pensamento criativo. Aqui, tem-se um alto nível de muitas coisas, mas é só manutenção. A coisa realmente criativa não há. A única coisa criativa que eu vi sair da universidade foi esse livro que eu citei do Reinhard Koselleck, que é alemão e não é americano. Mesmo o pessoal do Eric Voeglin, que é quem tem o mais alto nível de conhecimento e erudição, não tem força criativa. Eles não são capazes de interpretar a situação atual de uma maneira profunda e séria, tendo aquela incerteza que tornam muitos deles dependentes da opinião dominante, ainda quando não concordem com ela.

A opinião perante a qual você não tem de aceitar passivamente, mas a cujo julgamento você tem de se expor, são as dos seus gurus: Aristóteles, Platão, São Tomás de Aquino, Duns Scot, Leibniz — é este nível. Eu não quero conversa com quem está abaixo disso, não quero nem saber a sua opinião. “Ah, mas o David Horowitz disse isso, o fulano de tal disse aquilo.” E daí? Não são autoridades para mim. Existe autoridade intelectual, sim, mas você tem o direito de escolher a autoridade intelectual ao qual você presta satisfações. Eu aprendi com o meu professor Padre Stanislaus Ladusãns. Quando ele pegava um problema, ele olhava-o sob todos os ângulos que os filósofos verdadeiramente grandes tinham enfocado, montava o problema a partir da opinião dos verdadeiramente sábios, e daí dava a solução dele. Quando eu vi o homem fazer isso, percebi que esse é o método.

Para chegar à verdade, você tem de aprender com quem sabe, não com a opinião dominante. Se você vai com a opinião dominante, vai parar muito mais longe da realidade. Quem, na década de 80, dizia que a União Soviética ia cair? Ninguém. Ao contrário, teve o livro do Paul Kennedy, *Ascensão e Queda das Grandes Potências,* que provava por "a" mais "b" que a economia americana iria para o brejo e a economia russa iria florescer — e o livro fez um sucesso desgraçado, todo mundo leu. Quando aconteceu o que aconteceu, o que fez o Paul Kennedy? Pôs a cabeça na privada e puxou a descarga? Não, ele está aí dando palpite até hoje. [É] isso que é a opinião dominante, são essas pessoas que a fazem. Não viram aquela besta quadrada, Kenneth Maxwell, dizer no CFR que não existia Foro de São Paulo nenhum? Agora o que ele fez? Meteu a cabeça na privada e puxou a descarga como deveria, sendo rejeitado até pelos cocôs? Não, está aí dando palpite, cagando regra. Esta gente é que faz a opinião dominante. Como eu posso levar a sério essa cambada? Como eu vou parecer normal a eles? Eu não estou tão louco assim, que eu precise que eles confirmem a minha normalidade. Quem precisa perguntar para o outro se está louco é porque está louco sim. Se você está em séria dúvida sobre a sua sanidade a ponto de precisar que a maioria prove que você não está, é porque você está realmente louco. Então, a própria preocupação de provar que não está louco mostra que já está. Como é que nós vamos levar isso a sério?

Qualquer pessoa que usa essa expressão *Teoria da Conspiração*, você pode saber que o sujeito não sabe do que está falando. Eu estudei esse assunto e, portanto, sei o que é uma teoria da conspiração. Você pensa que esse pessoal sabe? Não sabe nada. Quem é o grande especialista americano de teoria da conspiração? Daniel Pipes. Sabe o que Daniel Pipes entende sobre a teoria da conspiração? Nada, nada. É tudo besteira o que ele escreveu. Teoria da conspiração não é um conceito científico defensável, é uma metáfora, uma figura de linguagem destinada a depreciar certas idéias que você não gosta. Mas em alguns casos existem teorias da conspiração efetivas, que buscam mostrar as causas dos acontecimentos como emergindo de um grupo secreto que tem um plano de dominar o mundo. De cara, se é uma teoria da conspiração mesmo, ela não pode funcionar, em hipótese alguma. Qualquer grupo que pretenda dominar o mundo vai ter de criar movimentos de massa, e movimentos de massa não podem ser secretos.

Os Bilderberg, por exemplo, foram secretos durante cinco dias; os Rockefeller, George Soros, e até o Papa participou de reunião. Como é que você pode dizer que isso aí é uma conspiração? Não é uma conspiração, isso pode ser uma coordenação que tenta realizar certas coisas no mundo e comete erros monstruosos, e não dirige os cursos dos acontecimentos, mas o influencia. Estudá-lo como conspiração já seria errado. Temos aí o Armindo Abreu, que não me deixa mentir, no livro *O Poder Secreto!.* Ali é teoria da conspiração mesmo. Mas acontece que, desse pessoal que tenta encarar isso como conspiração, o número de pessoas intelectualmente sérias é mínimo. Agora, será que qualquer

um que aponta o poder e a influência dos Bilderberg, do CFR está falando de teoria da conspiração?

Por exemplo, se você disser: “Ninguém viu a certidão de nascimento original do Barack Obama.” — isso é teoria da conspiração? Isso é a constatação de um fato notório. Estão aqui dois fatos notórios: todos os candidatos a presidente mostraram as suas certidões originárias; o Barack Obama não, ele mostrou uma cópia eletrônica resumida, muito provavelmente falsa — é isso tudo o que nós sabemos. Segundo fato: o Barack Obama mentiu o tempo todo na sua vida; ele disse que nunca pertenceu a um partido socialista e está lá a carteirinha que não deixa [ninguém] mentir; ele disse que viu a cápsula espacial descer no Havaí quando ele estava na Indonésia, e assim por diante. Temos aí um sujeito mitômano que quer que eu acredite nele sem mostrar documento, e isso é o fato. Eu não preciso conjecturar se ele nasceu no Quênia, se ele nasceu na Zâmbia, se ele nasceu no Pólo Norte — não há motivos para acreditar no cara em nada. Isso é um fato. É só se ater a esse fato de que o sujeito é um mentiroso compulsivo, que até falsificou documento, e não precisa nem levantar a questão da legitimidade. O Barack Obama poderia ter sido expelido da concorrência nos primeiros cinco minutos: “Olha está aqui meus documentos, eu sou o John McCain, nasci em tal lugar, está aqui os meus documentos, o meu currículo etc; cadê os seus? Ah, você não tem? Então, eu não vou debater com você.” Era simples, era só não aceitar a regra do jogo, [mas ele] **[2:00]** aceitou para não parecer racista. Para não parecer racista perante quem? Perante quem já te considera racista? Isso é de uma covardia imensurável. Nós não podemos aceitar esse tipo de chantagem em nenhuma discussão. E quando você sabe a origem da chamada opinião pública, aí é que você não a respeita mesmo.

Vamos às perguntas.

Aluno: Um aluno pediu para dizer que um bom livro que ilustra o que você está falando da pós-Revolução Francesa é As Ilusões Perdidas *de Balzac.*

Olavo: Exatamente. *As Ilusões Perdidas* de Balzac mostra como se fazer uma carreira literária na pós-Revolução Francesa, e como dependia das pressões desses grupos, desta coisa toda.

Aluno: Quando eu recomendei para uma determinada pessoa a leitura do seu artigo sobre Os Quatro Discursos *(...)*

Olavo: Não é um artigo, é um livro inteiro. No meu site só tem o primeiro capítulo, mas há um livro inteiro sobre isso. E mesmo o livro inteiro não explica tudo, porque eu dei uma infinidade de cursos sobre o assunto. Se somar o material que eu tenho sobre a *Teoria dos Quatro Discursos* dá umas mil páginas — das quais eu publiquei cem.

Aluno: (...) essa mesma pessoa veio com a resposta que precisaria ler toda a obra de Aristóteles primeiro antes de se permitir ler tal artigo. (...)

Olavo: É claro que não!

Aluno: (...) *Quando eu asseguro que isso não é realmente necessário, que a leitura de uma coisa não impede a leitura de outra, ela responde que, a partir do texto de Jorge Luís Borges que diz "todo autor precisa ser lido no original", e raciocina que ler outra leitura no original irá comprometer o modo de entender do autor.*

Olavo: Ai meu Deus do céu! Isso quer dizer que esses caras vão permanecer na total ignorância de Aristóteles até eles adquirirem o conhecimento da língua grega suficiente para ler no original? Quantos deles você acha que vão estudar grego? Isso é uma mentira sórdida. É uma desculpa erudita para permanecer ignorante. Claro que é uma hipocrisia, claro que é um tipo de fingimento brasileiro: "Ah,eu não vou ler, porque primeiro eu preciso ler Aristóteles no original." Sabe quando ele vai fazer isso? Nunca. Isso é blefe. Além disso, se ele quer as referências que precisa do original, elas já estão lá no meu livro, eu dei todas — quais são as palavras que Aristóteles usa, porque que ele usa etc. O livro foi feito a partir de um conhecimento razoável das fontes originais. Então, sabe o que eu diria a essa pessoa? "Vá à merda! Você está fora de páreo. Discussão acadêmica de filosofia não é com você. Vai brincar, vai brincar de Batman, de alguma coisa que está a sua altura."

Não tente convencer ninguém de nada, sobretudo enquanto você está neste curso. Não convença ninguém de nada. O que importa é você aprender e, daqui a cinco anos, quando entrar na discussão é para entrar com muita força e mandar as pessoas calarem a boca. É para acumular conhecimento, verdadeira autoridade e verdadeira segurança baseado no conhecimento da realidade — é isso que você tem de fazer. Recomendo: durante cinco anos fuja de debates, fuja de discussões, não dê palpite em nada.Você está treinando, meu filho. Gente para dar palpite, está cheio; ligue a internet e [veja que] está todo mundo dando opinião sobre tudo. E essas opiniões se neutralizam umas às outras. Então, como é que você faz para entrar com uma opinião que afaste as outras, que exorcize as outras? "Cala a boca todo mundo, que vai falar um sujeito que estudou o assunto" — é assim que você tem de entrar, ou então não entre. Se entrar agora, você não entrará com força. Você não tem confiança em si suficiente para isso, mas vai adquiri-la na medida em que siga esses métodos dos quais eu estou falando. O que falta no Brasil é, sobretudo, um número mínimo de pessoas que tem a verdadeira autoridade intelectual, baseado na sinceridade, no conhecimento. [Lá] só tem farsante e palpiteiro.

Não se esqueçam, gente: eu comecei a escrever a minha opinião na mídia quando eu tinha 47 anos. Aristóteles começou a dar palpite aos 40 anos; ele estudou 20 anos com Platão. Então, não tenha pressa. Eu gostaria muito que esta

geração de estudantes, que está aqui fazendo esta experiência comigo, deixasse sua marca na cultura brasileira, de modo que ninguém possa apagá-la nunca mais. Vocês têm condição de fazer um *upgrade* formidável na cultura brasileira, como nunca se fez! Outra coisa: quando entrarem no debate público, não entrem fazendo artiguinho, fazendo conferência; não, vocês têm de entrar com livro, têm de ser como aqui nos EUA. Aqui, quando o pessoal quer dar palpite em alguma coisa, primeiro se escreve um livro. Se você não tem a capacidade de escrever um livro inteiro sobre o assunto, nós não queremos saber a sua opinião. O último ano deste curso será dedicado a isto: cada um de vocês vai pegar um tema e vai produzir uma tese inteira, um livro, algo em torno de 150, 200, 250 páginas. E depois nós vamos publicar tudo. Isso mudará a história cultural brasileira para sempre, porque nunca terá havido um grupo tão grande de pessoas, tão bem preparado. Eu gostaria que todos entrassem nisso mais ou menos ao mesmo tempo, para dizer: “Vocês parem de falar besteira que agora é a nossa vez; agora vocês fiquem quietos e escutem.” — não é para discutir.

Eu já tive alguns confrontos com várias pessoas: Marilena Chauí, Emir Sader, Leandro Konder etc. Vocês acham que eu fui discutir com eles? Eu não tenho nada para discutir com esses idiotas, [o que] eu tenho é para ensiná-los. Eles não sabem nada! “Então cala a boca, burro. Senta e escuta”. É assim que vocês tem de entrar. No Brasil não havia ninguém para discutir comigo — lamento, não tem! Então, o que você pode fazer é “passar o pito”. Eu “passei o pito” em um monte de gente e eles ficaram quietinhos. Você acha que eu posso discutir com o Vladimir Safatle? O cara não é capaz de somar 2 mais 2! Vocês têm de perceber isso, perceber a miséria do meio intelectual e saber que não é para respeitar ninguém. A coisa mais séria, humana e bondosa que você pode fazer é mandar esses camaradas calarem a boca, é humilhá-los. Porque das duas uma: ou eles vão se tocar e vão aprender, ou eles vão ficar inibidos e fazer como o Ennio Candotti, que largou a SBPC e foi plantar batata, foi literalmente plantar batata. Alface, perdão.

Então é isso, meu filho. [É preciso que se diga a essas pessoas]: “Vá trabalhar em um posto de gasolina, faça uma coisa decente, abra um puteiro, mas pare com essa indecência que você está fazendo! Ninguém é obrigado a ser intelectual, ninguém é obrigado a ser professor universitário, ninguém é obrigado a ser jornalista. Então deixe estas coisas para quem quer fazê-las com seriedade, com honestidade e com sinceridade. Pare de fingir, acabou a brincadeira.” Eu pretendo que o ingresso de vocês na vida cultural brasileira marque isso. Por favor, não gastem seu tempo agora, preparem-se.

Aluno: Professor, considerando as experiências que comumente chamamos “experiências de vida”, aquelas mais óbvias que tentamos passar aos nossos filhos, verificamos que este insiste em ter o direito a cometer os mesmos erros que nós outrora cometemos ou que já vimos outros cometerem. Talvez em comunidades mais conservadoras isso não seja assim, mas nas ditas liberais isso

é uma regra. Essa não-transformação da experiência em herança cultural é fruto de interferência da mente revolucionária, que na verdade é retrógrada?

Olavo: Você tem toda razão. A experiência da geração anterior simplesmente não é passada, porque não há meios de passá-la diretamente — você precisa dos instrumentos culturais que a condensem. Por exemplo, se a experiência de uma geração não é condensada em um número suficiente de obras literárias — e portanto teatrais, cinematográficas etc. —, ela não passa para a geração seguinte. E se você como indivíduo tenta passar, não adianta, porque você está falando uma coisa, mas todo o imaginário **[02:10]** do seu filho foi formado por outra idéia. Nenhum pai pode concorrer com a televisão, a escola, a mídia, tudo ao mesmo tempo. Você quer aprender a concorrer com isto? Transforme-se, então, em uma potência intelectual que possa mais do que tudo isso, e seus filhos prestarão atenção em você sem que você precise forçar nada em cima deles. Eu não forço nada em cima dos meus filhos e eu sempre fui uma influência muito mais forte do que tudo isso. Você quer saber por quê? Não é por falsa modéstia, mas eu sou mais interessante, tenho mais para dar do que tudo isso. E é assim que eu quero que vocês sejam. Se começou tarde, corra! Agora, não adianta forçar. Se você não tem os meios de *você* [mesmo] povoar o imaginário do seu filho com coisas verdadeiras, então ela vai ser povoada com outra coisa, certamente.

Porém, se tiver na sua casa uma central de produção intelectual, que está continuamente produzindo novas idéias e dando novos exemplos, você não precisa forçar ninguém. O pessoal vai ir atrás de você. Todo mundo acha que criança nasce instintivamente rebelde, mas eu não acredito que criança seja — eu já falei isso mil vezes. Da onde tiraram essa idéia? Essa é a coisa mais anti-natural que existe! A tendência natural da criança é obedecer pai e mãe, ela só pára de fazer isto se houver algum problema. Você veja, por exemplo, a gata que tem gatinhos. Os gatinhos saem imitando ela; e vão imitar quem? Os seus filhos também vão imitá-lo. Mas se você já acha que eles estão aí para serem rebeldes, se acha que é anti-natural eles lhe obedecerem, então vai ser difícil eles lhe obedecerem.

Eu já dei este conselho mil vezes: dê pouco palpite, interfira pouco na vida dos seus filhos, reserve para eles o máximo de liberade que você possa. Tudo que eles perguntarem — “pai, pode isto?”, “pai, pode aquilo?” —, você responde que sim. E quando for algo realmente sério, você diz que não pode, para quando você falar um “não”, eles saberem que é pra valer: “Pai, pode dormir sem tomar banho?” “Pode”; “Pai, pode não jantar hoje?” “Pode”; “Pode comer só sorvete?” “Pode”; “Pode andar pelado?” “Pode”; “Posso torcer o pescoço do meu irmãozinho?” “Não, não pode”. “Por quê?” “Porque eu falei não!” E daí a criança concorda. Eu repeti essa experiência com 8 crianças e deu certo.

Outro dia eu ensinei a minha filha Inês como fazer isso com a filhinha dela, a Tetê. A Tetê é uma criatura adorável, só que de vez em quando ela armava um berreiro

e começava a fazer chantagem emocional. E a Inês me perguntou como fazer. Eu disse o seguinte: você fala “não” e olha para ela com um olhar assassino. Daí, eu mostrei umas 2 ou 3 vezes como é que se fazia — e até a chupeta caia da boca. Pronto, acabou. Faça isso uma vez por mês e no resto você deixa ela fazer o que ela quiser, do jeito que ela quiser, deixa ela livre e seja você o guarda protetor da liberdade dela. E quando você falar “não”, ela sabe [o que] aquele olhar assassino [significa]: “Epa! Aí acabou, cheguei no limite”. É muito simples. Mas não ponha limite em tudo quanto é lugar. As pessoas querem decidir o que a criança veste, o que a criança come, que horas vai dormir... Por que isto? Está escrito na Bíblia: “Não atormente o seu filho”. E se desobedece a Deus, você vai querer que seu filho obedeça a você? Ora, não dá! Então, dê poucas ordens, interfira pouco e, quando interferir, interfira a favor dele.

Uma vez, a minha filha, quando pequenininha, chegou chorando porque ela estava andando pelada na praia e o vizinho foi dar uma bronca nela. E o sujeito acha que é indecente uma criança pelada? É louco! Se dissesse ao ver a minha mulher andando pelada, aí está bom, está certo. Mas era a minha filha de 5 anos! Daí ela veio chorando: “Ah, o fulano me deu bronca porque eu estou pelada”. Eu estava vendo o sujeito falar com ela, daí eu falei para ela voltar lá e dizer assim: “Meu pai disse que é para você ir tomar no cu”. “Com essas palavras; aprendeu? Repete aí”. E ela foi lá e falou para o cara. O sujeito ficou sem reação e ela continuou pelada tranquilamente. Quer dizer, eu sou o defensor da liberdade dela, eu garanto esta liberdade. Então a criança se sente reforçada, apoiada, tem “costa-quente”. E isso você precisa fazer muitas vezes, precisa garantir a liberdade dela para quando você limitar esta liberdade ela poder respeitar.

Aluno: Parabéns, mestre Olavo. Em que pesem as **[02:15:53]** *ironias de Ann Coulter, David Horovitch e outros colunistas, o senhor foi totalmente corroborado pelo grande Andrew C. MacCarthy, ex-promotor federal assistente no que concerne as estranhezas, incoerências, mentiras e mistérios em torno de Barack Obama. Está aqui tudo na* National Review Online*.*

Olavo: Eu não li isso ainda, que coisa interessante!

Aluno: (...) Em tempo, o MacCarthy pensa que há menos uma grande mentira do que uma grande inconveniência na certidão de Barack Obama.

Olavo: Mas é o que eu tenho dito também. Tem alguma coisa escrita lá que ele não quer que ninguém leia. Eu até desconfio, da minha parte, que não é coisa de nacionalidade, mas de paternidade. Por quê? Porque a mulher, 15 dias depois de ter o filho, se mudou para Seattle e já estava lá com casa alugada, inscrita na universidade e assistindo aula — 15 dias depois do parto! Como é que conseguiu fazer isso tudo enquanto o cara ficava no Hawaii? Que marido que, 15 dias depois do parto, manda a mulher [para longe] — Seattle fica há 2.000 milhas do Hawaii. Você faria isto com a sua mulher? Ela está lá parida faz 15 dias, com o bebê no

colo, e você fica aqui e manda ela para o outro lado do mundo para estudar sozinha? É muito esquisita essa história.

A família Obama também é cheia de mistérios, mas muitos mistérios, demais. Só naquelas memórias dele, um repórter do World Net Daily pegou tanta mentira, mas tanta... O próprio texto não pode ter sido escrito por Barack Obama porque ele é analfabeto, gente! [Os repórteres do WND] pegaram 5 trabalhos universitários dele e publicaram — foram o que conseguiram através do Freedom of Information Act. Os trabalhos são pueris e têm um erro de gramática por linha! Então, o sujeito que escreveu estes trabalhos não pode, 5 anos depois, ter escrito aquele livro de memórias, não é possível.

Eu vou ler esse negócio desse Andrew C. MacCarthy. Muito bem, eu acho que o problema da legitimidade — e portanto da nacionalidade — é um problema secundário. Você tem de partir do que é certo, e o que é o seguinte: ele mente, ele falsifica documento — este é o ponto. Agora, se ele nasceu aqui ou na Zâmbia, isto no curso da investigação será descoberto.

Aluno: Professor, essa cultura descolada da realidade é o mesmo que Voegelin chama de "segunda realidade", aquilo que segundo ele os romancistas austríacos foram os primeiros a demonstrar (...)

Olavo: Eles não foram os primeiros a demonstrar. O primeiro sujeito que falou isso está nesse livro do Hyppolite Taine que eu lhes falei, *Origens da França Contemporânea*. Ele mostra que esta criação do universo ideal totalmente racional fechado em si mesmo teve até efeitos letais sobre a língua francesa, a deformação dela, que depois o pessoal começa a achar que são características da língua francesa — uma espécie de perda da capacidade de expressar a experiência imediata e um certo fechamento em torno de conceitos abstratos. Isto aconteceu no século XVIII e estrangulou a língua francesa. Então, o primeiro a falar dessa "segunda realidade", sem este nome evidentemente, foi o Hyppolite Taine e depois Augustin Cochin. Cochin era um capitão do exército, morreu na Primeira Guerra e escreveu livros brilhantes sobre a revolução francesa, mas ficou esquecido durante muito tempo. E só de uns 20 anos para cá é que começaram a descobrir o sujeito. Mas essa "segunda realidade" é exatamente isso que eu estou falando.

É, o aluno aqui desta carta faz tanto elogio a mim que eu não vou ler não. Senão eu vou achar que eu sou muito gostoso e vocês não vão me aguentar mais.

[02:20] *Aluno: Grosso modo, para Freud a saúde mental depende da* eficácia do recalque *e para Lacan do* poder de simbolização*. No vídeo "Imaginação e Unidade do Real", você tocou em uma passagem na questão psico-patológica, mas gostaria que aprofundasse um pouco mais nesse assunto. Partindo do pressuposto de que o esquizofrênico vivencia uma realidade esfacelada e para*

uma mente saudável a mesma realidade se apresenta unificada, há diferença entre o sadio e o louco no que se refere a imaginação?

Olavo: Claro, claro, claro! Gabriel Deshaies no livro *Psicopatologia Geral* — que eu acho um primor de tratado — mostra que a psicopatologia começa como uma espécie de desimaginação, uma perda da capacidade imaginativa. Porque, tal como foi explicado na outra aula, não se pode unificar o real a não ser na esfera imaginária — a razão não tem a capacidade de fazer isso. Por mecanismos racionais, você [não pode] chegar a uma concepção unificada, racional da realidade. Os maiores filósofos vão nessa direção, mas jamais conseguem.

No entanto, uma visão unificada é possível na esfera do imaginário — qualquer cultura tribal tem isto, tem o mito que mostra para ela a imagem do mundo. Se você sai da imagem unificada do mundo, o que quer que você diga é falso, porque se você nega a unidade do real, você está negando o princípio do próprio conhecimento. Teorias altamente elaboradas e racionais na sua estrutura interna se tornam totalmente negligenciáveis, desprezíveis, quando negam nas suas premissas a unidade do real. Então, tudo isso está muito bem feito, mas como nega a unidade do real, eu não vou prestar atenção, porque sem a unidade do real não há conhecimento. Assim, se a sua teoria, por bonitinha que seja, nega essa premissa, eu não posso fazer nada com ela. Claro que às vezes uma aparente negação da unidade do real pode ser apenas uma exploração de aspectos dialeticamente tencionais ou opositivos de dentro da própria realidade. E aí, nesse sentido, vale. Mas nunca valeriam como teoria geral.

No curso que eu vou dar aqui em Colonial Heights em setembro [“Introdução à Psicologia”, setembro de 2009], nós vamos explorar isso melhor, inclusive a investigação da natureza da psique — que é um dos componentes desse curso e que é um negócio que eu vou puxar de uma apostila antiga e atualizar. Vamos mostrar que todas as chamadas psicopatologias, todas os estados mórbidos da mente, vêm de uma diminuição da atividade psíquica — eles são apenas um fator quantitativo. Quer dizer, há menos atividade psíquica e há uma espécie de invasão da mente por outras linhas causais. Por exemplo, quando os seus estados começam a ser mais diretamente determinados por motivações fisiológicas, quer dizer que a psique perdeu o seu dinamismo próprio, houve uma diminuição da atividade psíquica. Eu acho que posso demonstrar isto, eu não tenho certeza, mas acho que posso, e acho que isso simplificaria muitas questões de psicopatologia. Mas eu não vou poder explicar, demonstrar isso agora, porque eu preciso justamente de um curso inteiro para fazer isto.

O aluno pergunta se há diferença entre o sadio e o louco no que se refere à imaginação. Certamente! Quer dizer, a imaginação do sujeito que está doente perdeu o seu dinamismo próprio, ela começa a refletir uma outra linha causal. Na verdade, parece que o sujeito que está delirando está inventando muito, mas ele está é inventando de menos. Tanto que o Lipot Szondi comparava a mente normal a um palco giratório onde os papéis estão sempre mudando, onde os

vários impulsos que dominam o sujeito circulam e se modificam conforme a situação real. E de repente existe um travamento, o palco não gira mais, e há uma repetição compulsiva. Se entrou no compulsivo, então a imaginação perdeu a flexibilidade, perdeu riqueza — o louco, de fato, imagina menos, mesmo se for o louco mais criativo que você encontrar. Aquele Bispo do Rosário, por exemplo, que o pessoal diz que era criativo, você vai ver que as fórmulas, que os esquemas geométricos dele são infinitamente repetitivos. Ele tinha um excesso quantitativo de imaginação, mas não tinha flexibilidade.

[Lendo a pergunta do aluno] André Marc, você é homônimo de um grande filósofo escolástico — que eu acho um dos maiores filósofos escolásticos —, que escreveu o livro *Psicologia Reflexiva*.

André Marc: Sou cirurgião e freqüentemente, durante as operações, fazemos coisas que depois não conseguimos explicar a posteriori *e também nos parecem às vezes estranhas quando as olhamos tempos depois em vídeo. É uma sensação de estranhamento como quem diz: "Puxa, como é que eu consegui fazer aquilo?" ou "nem parece que sou eu quem estou operando". Isto é raciocício com os fatos, como o senhor explicou?(...)*

Olavo: Exatamente, exatamente! Durante uma cirurgia, não da tempo de você fazer o recuo reflexivo, então você usa como elementos do seu pensamento não as suas idéias, não as suas representações mentais, mas os próprios objetos que estão na sua mão, e por isso você pensa muito melhor do que se fosse reflexivamente. Então, isso dá realmente uma impressão mágica. Mas isso que eu estou lhes mostrando é um poder mágico que o ser humano tem, é um poder mágico de entender muito mais do que ele percebe e entende, tanto que, depois, se você pergunta: "Como é que fiz isso?". Você diz: "Não sei!". O Bruno Tolentino às vezes falava pra mim: "Sabe o que eu vou fazer? Eu vou fazer um eletroencéfalograma para eu descobrir quem foi que escreveu os meus poemas, porque eu não fui."

André Marc: (...) Algo que se aprende por impregnação independe do talento individual?(...)

Olavo: Certamente! Mas isso é um talento individual que todo mundo tem. É que, infelizmente, a educação não enfatiza isso o suficiente. Têm algumas áreas em que se enfatiza; por exemplo, nas artes marciais. Por isso, arte marcial é sempre altamente educativa — mas cuidado com o professor, porque 99% deles são todos charlatães, vigaristas, traficantes, bandidos. Se você pegar um desses instrutores de artes marciais que andam na rua com um pitbull e um revólver na cinta, fique sabendo que o cara não é bom.

Na arte marcial, não há tempo de raciocinar reflexivamente, então você tem de raciocinar com o material que está na sua mão. E o pessoal pensa que isto é intuitivo, mas não é bem intuitivo porque há um raciocínio implícito. O meu filho

Pedro, por exemplo, todo dia chega e descreve: “Ah pai, aconteceu isso e mais isso, e o cara fez isso e daí eu virei pra cá e tal” — não houve tempo dele pensar “na mente dele”, mas ele está pensando, claro. O raciocínio é um encadeamento de causas, portanto não é totalmente intuitivo. Mas é um encadeamento de causas feito no próprio material de percepção sensível. Isso é a grande potência da mente humana, meu Deus do céu! E é exatamente aí que eu digo que é a percepção categorial — um termo que eu inventei. Mas toda percepção é categorial porque toda percepção é perceber substâncias, quantidades, qualidades, relações etc.. Então, você não tem um *pensamento* categorial, [porém] uma *percepção* categorial e isto funciona mesmo. E pode ter certeza de que é o que funciona na hora da cirurgia, porque se você for parar para raciocinar, o sujeito morre. A cirurgia é um exemplo maravilhoso disso, porque não há tempo.

André Marc: (...) ou existe algo de místico nisto aí?(...)

Olavo: Existe também. Para a mente que só reconhece duas coisas — percepção de dados anárquicos e raciocínio que sintetiza as coisas —, isso aí é totalmente místico. Mas tem muita coisa que as pessoas chamam de místico e que na verdade não é. O que tem de místico, digamos, em uma aparição da Santíssima Virgem Maria? Não tem nada de místico, ou ela estava lá ou não estava! **[02:30]** Note bem, se você precisa entrar em um estado especial para vê-la, então a percepção dela depende do estado da sua mente, não sendo, assim, um fato objetivo. Mas se você estuda o caso de Fátima... aquilo foi um fenômeno místico? De jeito nenhum! Aquilo foi um fenômeno da ordem física! Uma manifestação física da Santíssima Virgem Maria, e não foi percebida misticamente, mas com os olhos da cara. Nem todos perceberam tudo: parece que dos 3 meninos só um ouvia, não via, e os outros dois viam — não sei, não me lembro direito como é que foi. Mas algo estava ali fisicamente presente e aquele fenômeno do sol todo mundo observou. E, ademais, as previsões que ela fez se cumpriram todas sem exceção — também são fatos da ordem objetiva. Às vezes, o sujeito chama de místico simplesmente aquela percepção que ele não teve.

Santa Teresa quando conversava com Jesus Cristo, era um estado místico? Era um estado místico para nós, para ela não — ou era Jesus Cristo que estava lá ou ela estava vendo coisas. Então, este mesmo nome, “estado místico”, é um nome enganoso. Eu ainda estou examinando este negócio, pensando seriamente nesse assunto e, no dia que eu tiver uma conclusão, eu digo para você.

André Marc: (...) A medicina nos oferece a oportunidade de presenciar coisas maravilhosas, milagres mesmo, diariamente. É difícil para mim como médico cirurgião não notar que existe algo mais. A experiência de operar é uma experiência diferente, às vezes como um transe.

Olavo: Isso não é um transe, é uma intensificação da percepção — aí que você está acordado mesmo. O transe faria você mesmo dormir, você iria ver coisas em

um outro mundo. Mas não é um outro mundo, você não foi transportado para um outro mundo. Pode haver estados místicos em sonho, onde você vê coisas em outro mundo, mas isso não foi uma experiência direta efetivamente — afinal de contas o sonho também é puramente mental, ele está mais próximo da realidade sensível do que o pensamento abstrato, mas ele já é pensamento na verdade. Mas essa coisa de quando você está com a mão na massa e você percebe as coisas ali, isto não é um transe, [pois] você está supremamente acordado.

Aluno: As aulas estão impagáveis, no bom sentido.

Olavo: Impagável tem 3 sentidos: o primeiro é o que você não pode pagar, porque é mais caro que você pensa; o segundo é o que você não quer pagar; e o terceiro é quando o negócio é engraçado.

Aluno: (...) Ainda tenho dificuldade em entender o que significa a unidade do ser*. É apenas a soma de todas as coisas que existem no universo ou é algo que trancende o conjunto de tudo? O que Louis Lavelle queria dizer quando afirma...*

Olavo: Não. Você não está entendendo a noção de *unidade do ser*, mas entende *a unidade do ser* em tudo o que você faz. A melhor maneira que você tem de testar isto é perceber que tudo que lhe acontece acontece no mesmo mundo onde lhe aconteceram outras coisas, e não em outro mundo. Quer dizer, não existem dois campos separados onde aconteçam coisas; acontecer é acontecer neste mundo. É o famoso verso do Paul Éluard — é um poeta comunista, mas é um grande poeta —: “Há outros mundos, mas estão neste.”

Então, esta experiência da *não separação entre os mundos* todos nós temos, inclusive você. O que você não está pegando é o conceito filosófico, mas eu não dei conceito filosófico algum, eu estou apenas me reportando à experiência que todo mundo tem da unidade do real. Se tenta espremer isso agora, como conceito filosófico, você não vai entender, porque nós não estudamos isso ainda — a não ser que você leia Louis Lavelle durante muito tempo, o que vai dar muito trabalho. Eu estou me reportando apenas à experiência e não ao conceito diferenciado, analiticamente trabalhado.

Você pode também se reportar a esta *unidade do ser na experiência diária*, em tudo o que você reconhece. Você acorda de manhã e está lá a sua mulher ao seu lado. Como é que você sabe que é a mesma? Para achar que esta que está lá é outra — embora tenha a mesma aparência, o mesmo jeito, fale e lhe olhe do mesmo modo etc. —, você precisaria supor uma ruptura total entre dois mundos. É uma fantasia tão esquisita e tão macabra que ninguém faz isso, mesmo porque se você não tem certeza de que ela é a mesma da véspera, também não tem certeza de que você é o mesmo da véspera.

Baseado na hipótese da ruptura entre mundos, você não conseguiria perceber mais nada. A unidade do real é base da própria percepção, a possibilidade da

percepção repousa nisso. Ao falar uma frase, por exemplo, como saberei que serei o mesmo quando terminá-la? Perceba que a noção de *unidade* e *continuidade* é tão natural no ser humano que não há como percebemos as coisas de outra maneira. Além disso, se não há a unidade do real, nenhuma teoria sobre o que quer que seja pode ser emitida. Você não pode formular nenhuma teoria sobre nada, porque nunca terá certeza de que o objeto do começo da teoria é o mesmo do fim; então não dá para pensar, para perceber, para fazer nada. Podemos dizer que isso é somente uma crença? Se for uma crença, você tem de distinguir o que é conhecimento do que é crença, ou seja, você pensaria assim: "Eu estou vivendo num mundo que pode não ter unidade nenhuma, mas preciso acreditar que tem." — aí você já negou a unidade do mundo. Não é possível aceitar a unidade do mundo só como crença, você tem de aceitá-la como realidade, senão ela teria de ser uma crença deslocada de dentro da realidade e, portanto, a afirmação dessa crença seria automaticamente a sua própria negação, o que é inviável. Por isso, é que eu digo que a unidade do mundo é um pressuposto de todo e qualquer conhecimento, mesmo do mais simples.

Aluno: Seus comentários a respeito do subjetivismo e do descompromisso modernos com a realidade das coisas me fizeram perceber uma das causas do desprestígio que tem a filosofia em nosso meio (...)

Olavo: É isso mesmo.

Aluno: (...) Não é raro encontrar pessoas, sobretudo aquelas poucas envolvidas com o fingimento intelectual, que acreditam ser a prática filosófica o exercício de especulações frívolas desprovidas de conexão com a realidade. (...)

Olavo: E elas têm toda a razão, porque é isso mesmo. O que eu estou fazendo não é o que Platão ou Aristóteles faziam. Mas o que se faz na Academia com esse nome, principalmente no Brasil, é claro que é uma especulação frívola, isto se não for defesa de interesses grupais absolutamente sórdidos.

Aluno: (...) Dizem servir apenas para fazer as pessoas falarem e escreverem com pompa, saberem argumentar. (...)

Olavo: É isso mesmo. Quando institucionalizaram o ensino da filosofia no ginásio, eu disse: "Eles não vão ensinar a filosofia, eles vão ensinar a argumentação." Na melhor das hipóteses, ensinarão a retórica. É tudo que podem ensinar — se puderem.

Aluno: (...) Estou certo em pensar assim, que durante um tempo a filosofia exercida sem compromisso com a realidade fez com que as pessoas alheias à prática filosófica a qualificassem como uma atividade fútil?

Olavo: Cem porcento certo. É isso mesmo. Isso é culpa dos "filósofos" profissionais.

Aluno: Tenho duas perguntas básicas. (a) Qual a diferença entre um axioma e um princípio? — Obs.: na internet, li o seguinte sobre o que o senhor escreveu acerca do princípio e da liberdade: "Princípio é uma regra genérica que se aplica presumidamente aos casos previstos dentro da sua esfera, mas, como toda regra genérica, pode ser relativizada. A definição de princípio do Olavo de Carvalho é errada; o que é imutável é o axioma e a liberdade não é um axioma, mas um princípio." (...)

Olavo: Dá vontade de chorar. A mesma coisa pode ser um princípio e um axioma, informe a essa pessoa. Um princípio se torna um axioma se considerado dentro da ordem lógica. Ou seja, para fins de raciocínio lógico, um princípio é tomado **[2:40]** como axioma, isto é, uma afirmação que não se voltará a contestar. Tomemos, por exemplo, o princípio da identidade: uma coisa é igual a ela mesma, e não pode ser e não ser ela mesma simultaneamente; e entre ser e não ser, não há uma terceira alternativa. Se você colocar isso dentro de um raciocínio lógico, passará a ser um axioma. Se você entende isso apenas como um enunciado geral com relação à realidade inteira, será um princípio. O princípio é aquilo atrás do qual não há outra coisa, que não é baseado noutra coisa. Um axioma é uma sentença que é tomada como princípio de um raciocínio, embora não seja necessariamente um princípio. A esses moleques que querem me corrigir a lógica: vão pastar! Essas pessoas que gostam de discutir... Eu fico louco da vida com isso. Vá estudar, vagabundo! Faça alguma coisa.

Aluno: (...) (b) Existe um bom dicionário eletrônico de filosofia?

Olavo: Eu não sei. Recomendo sobretudo o do José Ferrater Mora, que é bastante completo e possui uma edição brasileira.

Aluno: Seria ótimo se o professor Olavo pudesse dar uma aula somente sobre René Guenón e o perenialismo. Penso que o assunto é deveras espinhoso e, graças ao próprio professor Olavo, existe. Passa a ser, portanto, caridoso da parte do professor explicar os problemas de autores que ele tão freqüentemente cita em suas apostilas de aula.

Olavo: Você tem toda a razão, eu lhes devo uma explicação sobre isso, mas não vejo como posso fazê-la agora, imediatamente. Explicar esse assunto não faz parte do plano que eu tracei para o primeiro ano do curso. A idéia para este primeiro ano de curso é dar uma série de equipamentos e critérios para a sanidade e vigor da sua vida intelectual, só isto. É um curso mais de "auto-ajuda" do que propriamente um curso de filosofia — eu estou evitando entrar materialmente nas questões filosóficas. Ademais, está distante do exame individual de autores, mas como esse assunto está na ordem do dia e todos têm algum contato com ele, é claro que você tem razão. Talvez eu faça uma interrupção ou uma gravação para o seminário de filosofia, fora do curso. Boa idéia, eu farei isso. Minha mulher me deu a sugestão de fazer a gravação.

Aluno: Sou aluno matriculado no Curso Online de Filosofia e também acompanho o restante do material do Seminário. Ao escutar a aula lecionada em Curitiba, em 30 de novembro de 2002, sétima parte, deparei-me com o que o senhor considera a respeito da prática da realização do significado dos conceitos filosóficos concomitantemente à leitura das obras que propõem esses termos. Na aula em questão, o senhor exemplificou que algo só poderá ter seu significado realizado ao leitor a partir do momento em que ele passa a ter uma noção própria e clarividente sobre o termo, se é verossímil ou não, consistente ou não, compatível ou não com a trama dos demais conceitos (...)

Olavo: Tudo isso é um trabalho de imaginação — eu expliquei isso umas aulas atrás. Através da imaginação é que se preenche de um conteúdo concreto o conceito abstrato; se você não fizer isso, estará simplesmente deslizando em cima de palavras. Às vezes, o mesmo termo pode lhe sugerir uma infinidade de imagens; na verdade, sempre sugere. Essas imagens estão sempre circulando na nossa mente, mas circulam abaixo do limiar de atenção, do plano de atenção; não é inconsciente, e sim subconsciente, por assim dizer. Com um pouco de atenção, você baixa a bola e começa a ver o que as coisas estão lhe evocando, as associações que lhe evocam. Essas associações, aos poucos, vão compondo uma constelação de símbolos e valores que — na quase totalidade dos casos — coincidirão com a herança cultural a seu respeito. Aquilo que você evoca imaginativamente, a propósito de um conceito, na maior parte dos casos, já foi evocado por outras pessoas. Isso é muito gostoso de se perceber, que algo que você imaginou já foi imaginado por outras pessoas no século XII, no IV e assim por diante.

Aluno: (...) Para realizar um significado acerca de um conceito no momento em que se depara com ele, não seria preciso fomentar um juízo próprio sobre ele, formando assim uma própria opinião, que pode, aliás, divergir da dos autores?

Olavo: Não. A opinião é secundária e deve resultar desse trabalho. Você não precisa necessariamente ter opinião própria; você pode entender perfeitamente um termo ou um juízo a respeito do qual não tem nenhuma opinião, apenas uma constelação de perguntas. Chegar a uma opinião não é necessário, não é preciso tanto.

Aluno: Creio que não sou a primeira pessoa a pedir isso, mas venho engrossar o caldo (referindo-se ao pedido de aula sobre o perenialismo de Guenón).

Olavo: De fato não é. Vocês têm razão. Darei um jeito nisso, mas não pode ser agora.

Aluno: Como sempre volto a agradecer por seu trabalho. Faço uma pergunta sobre a colocação que o senhor fez na última aula acerca de (nós) termos de

fazer o que desejamos em determinado momento e concentrarmos nossas forças em tal fim.

Olavo: Claro. Se você não é capaz de se concentrar naquilo que quer, como se concentrará no que não quer? Eu considero que uma das maiores maldades que se pode fazer contra um ser humano é desviar a sua atenção daquilo que ele quer pensar para aquilo que ele não quer pensar — a atenção é a coisa mais preciosa que há no mundo. Quando o sujeito está realmente interessado em alguma coisa e naquele momento ele pode entender tanto, tanto... agora, se você o tira da concentração com muita tagarelice em volta, você está cometendo um crime; é como acordar pessoas. Eu odeio acordar pessoas e odeio que me acordem. Por quê? Porque eu posso estar sonhando e o sonho prepara intelecções futuras. Se aborta o sono de alguém, você o faz mais burro, às vezes impedindo-o de entender algo que já estava quase entendendo. Muitas vezes, você não lembra do sonho, mas nele um determinado assunto foi trabalhado e durante o dia você percebe que o entendeu; você não lembra do sonho, mas fica com seu produto final.

Aluno: (...) Todavia, desde a graduação estou acostumado a fazer duas ou três coisas ao mesmo tempo usando os diversos órgãos da sensibilidade. Por exemplo, enquanto escuto algo, geralmente traduzo comentários em latim de São Tomás de Aquino, escrevendo em português e consultando eventualmente traduções em francês e inglês. Treinei assim porque, durante as aulas da faculdade, aguentar a imbecilidade do discurso dos docentes era tanta que treinei a ler algo sério no fundo das...

Olavo: Eu fazia a mesma coisa em muitos trabalhos: fingia que estava prestando atenção em uma coisa quando estava prestando atenção em outra. Às vezes, também é possível prestar atenção a duas ou três coisas ao mesmo tempo, trabalhar em multiprocessamento. Isso depende de cada um, supondo-se que você esteja interessado nas duas coisas.

Aluno: Olavo, tenho receio da criança estar indo junto com a água do banho quando você descarta a inteiramente a hipótese hobbesiana da guerra de todos contra todos no princípio dos tempos. As pesquisas de Girard indicam que houve precisamente isso com a seguintes diferenças: (a) não era a vontade de poder que criava o estado de guerra, mas a violência mimética; (b) não foi por um ato de razão que os homens pararam de brigar, mas pelo mecanismo do bode expiatório. O que se criou a partir daí não foi o Estado — a não ser que estejamos falando num sentido muito elástico —, mas um conjunto de representações rituais de proibições primitivas que construíram uma ordem social e das quais o **[2:50]** *Estado moderno é o último descendente.*

Olavo: Muitíssimo interessante isso aqui. Porém, tudo que o René Girard escreve existe, mas ele não tem a força explicativa que imagina ter. O fenômeno do desejo mimético, do bode expiatório etc., existem, mas afirmar que eles criaram a

civilização é impossível. Você não pode criar todos os valores positivos a partir de um negativo — isso não existe. Por exemplo, eu digo que existe outra força positiva que, assim como Santo Agostinho dizia, é o amor ao próximo, a base da sociedade humana. Ou seja, os fenômenos do desejo mimético e do bode expiatório se dão sobre um fundo determinado pelo amor ao próximo; dão-se como mecanismos parciais que mostram a imperfeição do nosso amor ao próximo. Mas eles por si mesmos serem um mecanismo positivo? É como querer que o rabo abane o cachorro.

Tudo o que o Girard afirma existir em sua obra existe de fato, mas aquilo é uma série de observações antropológicas feitas a partir da interpretação de documentos escritos, não é uma teoria geral. Não chega a ser uma teoria geral, não há nada ali que permita sua transformação numa teoria geral. O que é generalizante ali dentro? O número de exemplos tomados? Se quer-se provar que uma coisa é geral e universal, pode-se somar o número de exemplos que for que não se provará nada, nem se fossem infinitos. A somatória de exemplos só tem o efeito de provar uma generalização se não houver exemplos em contrário. Seria preciso transformar esse tipo de exposição que ele faz, que é sempre uma interpretação de símbolos, numa discussão dialética de exemplos que vão em sentido contário. Ou seja, [não é] confrontar todos os exemplos em que houve desejo mimético com os exemplos em que não houve, e sim com algum outro fator — um desejo não mimético, por exemplo. Em segundo lugar, é preciso demonstrar que o desejo mimético não é um componente da simples estrutura do amor ao próximo. É preciso criar, [também], a diferença entre o desejo mimético e a inveja que, na minha opinião, não são o mesmo fenômeno: se quero algo porque outra pessoa também o tem, eu posso estar tentando com isso destruí-la ou assimilar uma de suas qualidades. Por exemplo, vocês todos estão aqui por desejo mimético; tudo o que eu sei e que aprendi, vocês também querem aprender e saber. O que há de mal nisso? Precisamos sacrificar um bode expiatório? Não há nada de mal com esse desejo mimético — não faz mal a ninguém.

O aspecto tenebroso que o desejo mimético tem nos escritos do Girard é devido aos exemplos que ele escolheu. E nesses exemplos a coisa tem mesmo um aspecto macabro. Mas aquilo não é uma teoria, e sim um conjunto de fenômenos que existe, embora possa ser encarado de mil maneiras diferentes. Quando o René Girard esteve no Rio de Janeiro, eu lhe perguntei isso — se os seus escritos podem ser encarados de várias maneiras — e ele respondeu que de fato pode. O Girard é muito mais modesto do que vocês podem imaginar. Ele disse: “Só o que eu fiz foi apenas tomar um monte de fenômenos e descrevê-los.” — e tem toda razão.

E a guerra de todos contra todos? Também é um fenômeno. Mas quando começa essa guerra? A sua mãe acabou de dar à luz e já pensa em estrangulá-lo? Não, ela cuidará de você, limpará sua bundinha, lhe dará de mamar com toda a devoção, senão você não cresce em tempo de participar da guerra de todos contra todos.

Eu acho que a origem da sociedade — isso eu expliquei no curso de Teoria do Estado —, inclusive a origem da autoridade, é o fascínio do bebê pela sua mãe, baseado no amor que ela tem por ele; sem isso, não existiria nada. Se a guerra de todos contra todos fosse um fenômeno básico, começaria no instante do nascimento. “Ah, mas tem o bebê que disputa o seio com o irmão”, disse Melanie Klein. Para isso ocorrer, é preciso que a mãe tenha, [primeiro], oferecido seu seio. Se ela começa a fazer guerra contra o bebê, não dá tempo dos irmãozinhos fazerem guerra entre si. Então, essas coisas existem dentro de uma base, mas ainda acho que Santo Agostinho tem a razão: a base da sociedade humana é o amor ao próximo.

Estamos tão pervertidos hoje que buscamos explicação para tudo na sacanagem, no mal. Isso é gnóstico. Se o universo é realmente mal, então a base do ser humano pode ser a guerra de todos contra todos, mas se fosse tão mal assim, já teríamos acabado. Minha mãe não fez guerra contra mim; quando nasci, ela não me jogou pela janela. É claro que depois de crescer, eu fiz um monte de sacanagem — uma vez, dei uma bengalada na cabeça do meu irmão. É preciso ter alguma saúde para fazer tudo isso, e esta saúde vem dos cuidados da sua mãe com você — o pai também tem importância, mas a mãe é básica. Qual a primeira encarnação do poder que você presencia? Não é um poder destrutivo e sim um poder benéfico, que lhe dá a vida. É o primeiro sinal que você tem. Qual é a relação do bebê com a mãe? O fascínio da imagem de Deus. É ali que tudo começa. Se você cavar até o fundo, não encontrará a guerra de todos contra todos; para fazer a guerra, há de se ter saúde.

Mas dizer que a base da sociedade humana é o amor ao próximo nos parece às vezes simplório e ingênuo; temos de ser maquiavélicos, há de haver sacanagem por trás de tudo — isso sim é ingenuidade. A guerra de todos contra todos existe, mas não é a base da sociedade humana. É preciso que a última exista para haver guerra de todos contra todos. Até para que haja a guerra de um contra um, é necessária a existência da sociedade, caso contrário é impossível. O Dr. Freud, o Wilhelm Reich, os antropólogos, todos procuram uma grossa sacanagem na origem das coisas. Meu Deus do céu, não foi nada disso! Foi um Deus amoroso e bondoso que criou tudo na base do amor ao próximo, e depois de vocês terem estragado o negócio, tentam encontrar uma sacanagem divina por trás. Isso é gnosticismo do brabo, é inviável e impossível. Se há uma coisa impossível é a origem da sociedade na guerra de todos contra todos. Quem deu comidinha para eles chegarem lá e fazerem a guerra? Para que fosse assim, a guerra teria de ter começado logo após o parto: a mulher pare a criança e já começa a enchê-la de porrada, joga-a no chão... É assim que se faz? Não. Quando alguém é ruim, não lhe falamos “você não teve mãe!”? Se você teve mãe, ela deve ter lhe dado pelo menos um pouquinho de leite. Negou-lhe comida desde o primeiro instante? Estrangulou-o? É uma coisa tão óbvia.

Eu leio Hobbes e dou risada. Não é possível, o homem era maluco, ele via coisas. Nessa época, todo mundo via coisas: Hobbes via coisas, René Descartes via

coisas, Francis Bacon via coisas — eram todos malucos. Se você rompe com a grande linha da filosofia, está maluco. É possível discutir com eles, é claro, mas é necessário primeiro absorver o que eles deram. Francis Bacon diz que Aristóteles usa um método dedutivo, que põe princípios gerais e deduz. Pois eu li no Aristóteles precisamente que esse método jamais produz conhecimento. Que raio de Aristóteles foi esse **[3:00]** que ele leu? Não leu nada, é um ignorante. "Como você pode falar isso de Francis Bacon?" — ele é grande, mas não é dois. Eu respeito gente séria e sincera; a primeira coisa é a sinceridade. Se você diz que estudou Aristóteles, vamos ver se estudou com sinceridade. Não estudou nada! Um padreco lhe falara duas coisas e você achou que já sabia Aristóteles.

Aluno: Caro professor, o senhor propôs alguns exercícios e percebo que na sua maioria, se não todos, são solitários: a leitura das obras de ficção, o exercício de percepção de sons do Narciso Irala, a apreensão cautelosa de um parágrafo de um livro de filosofia por vez, enfim, trabalhos que exigem certa pausa nos afazeres e algum recolhimento. Entendo que a solidão momentânea como um análogo para algo do que ocorre quando corporalmente nos alimentamos.(...)

Olavo: Sim. Quando você come, a barriga do vizinho não enche.

Aluno: (...) Tendo isso em vista, gostaria que você falasse da importância da solidão para o filósofo.

Olavo: É um negocio básico. Goethe dizia: "O talento se aprimora na solidão; o caráter, na agitação do mundo." São dois aspectos da educação. Eu tenho dado vários exercícios de aprimoramento do seu talento — todos eles solitários —, mas eu também tenho lhes dado varias sugestões quanto à conduta no mundo para aperfeiçoar o caráter, e as duas coisas são articuladas. Por exemplo, tudo o que eu falei sobre o tratar dos filhos: seguir uma ética, uma moral no trato com os filhos, saber que tem o dever de não atormentá-los. Eu sempre digo isto: Deus lhe deu um pai para protegê-lo e ajudá-lo e não para lhe encher o saco. Norma número um: não lhes encha o saco — o saquinho da criança é pequeno, portanto respeite esse limite.

Essa parte é a educação moral e ela é complementar aos exercícios. Os exercícios intelectuais são solitários, mas as práticas morais são para a sociedade humana. Todas essas práticas são feitas com o objetivo de aprimorar o caráter de tal maneira que a sua vida intelectual não se constitua só de técnicas, mas da sinceridade, que é a suprema virtude intelectual. Eu não estou dizendo para você deixar de fumar, de transar, de beber, de dar — não falei nada disso. Tudo isso é compatível com a vida intelectual. Você pode ter todos os defeitos do mundo, mas não pode ser um farsante, um mentiroso; tem de ser sincero. Por isso, a arte da confissão é básica para a vida intelectual e pressupõe o seguinte: você não venderá para os outros nem para si mesmo os seus próprios pecados como se fossem grandes méritos. Quando você pecar, admita: "Eu sou só mais um pecador medíocre e idiota como qualquer outro. Não ficarei me batendo, me

atormentando, nem cairei num remorso demoníaco por causa disso. Tentarei melhorar de pouquinho em pouquinho." Quando alguém reclamar dos defeitos, fale: "Está bem. Daqui a quinze anos estarei livre desse defeito. Farei o possível para melhorar. Dê-me um tempo." Seja paciente consigo mesmo e paciente com os outros. A base da convivência humana é o perdão, mas você não pode perdoar ninguém se acha que o que ele fez não é errado. Se você aprova o que ele fez, não tem o que perdoar. Perdoar não significa que você terá de tolerar para sempre. Você pode perdoar o que o sujeito já fez; amanhã, não está garantido.

Este não é um curso de moral. Não estou dando receita de moral para vocês, mas eu dou algumas porque são inerentes à vida intelectual e à vida filosófica, sem as quais você não aprenderá e a sua inteligência será bloqueada — você sairá falando besteira. Por isso, nesta parte [do curso] eu dou dicas de moral por elas serem fundamentais, funcionais. Todos os defeitos e vícios são compatíveis com a vida intelectual desde que você não os joguem contra ela. Nós todos temos de arcar com nossos defeitos, pecados, vícios — todos nós os temos. Faça o seguinte: (a) não os transforme no centro da sua vida; (b) entenda a diferença entre arrependimento e remorso. Remorso significa "remorder": você morde e continua mordendo — o que é demoníaco e você nunca o pode fazer. Se você é incapaz de se arrepender com alegria sabendo que será perdoado e terá mil chances, então nem se arrependa, porque é melhor continuar a fazer a mesma coisa do que ficar com remorso. Não se preocupe em demasia com essas coisas.

As pessoas que estão à sua volta têm defeitos e vícios. Você faz questão que elas parem com tudo isso amanhã mesmo? Não. Se você sabe que vai ter de agüentá-las mais um pouco, então por que não fazer o mesmo consigo? Tenha paciência consigo. Faça um voto sério: "Eu tentarei melhorar todos os dias, mas se alguém vier jogar meus defeitos na minha cara, não me preocuparei." Não ligue para a crítica de ninguém, isso só imbeciliza. Se alguém lhe fez uma crítica, feche os olhos e pense que você está conversando com Santo Tomás de Aquino. O que ele lhe diria? Ele o humilharia, o pisaria, ou lhe diria "Não se preocupe, meu filho. Faça de novo"? Não diria nem uma coisa nem outra, ele não era nenhum idiota. Eu vou lhes dar um conselho: pare de pedir conselhos a idiotas; peça-os somente aos sábios. Se você não conhece nenhum sábio, imagine um. Leia-os e verá como são. Pense assim: "O que Aristóteles diria?" Ele tentaria analisar o problema da melhor maneira e achar o caminho mais fácil e menos doloroso. Esta é a norma do meu professor de arte marcial, Michel Weber: "Se doeu, é porque está errado. Não é para doer."

Aluno: Antes de tudo, parabéns pelo curso, que vem abrindo caminhos para que eu veja problemas antes adormecidos ou outros por mim totalmente desconhecidos. Não tenho como lhe agradecer tão grande benefício em minha vida. Na Aula 4, o senhor fala que devemos olhar as coisas sobre um olhar de certeza da morte. Tenho grande dificuldade em sentir as coisas sob esse ângulo, não sei se é por ser católico e olhar esta vida como uma passagem para uma vida que, creio, mesmo contando com minhas mazelas, será muito melhor do que

esta, pois Jesus, por sua imensa misericórdia, **[3:07:57]** *poderá — tenho grande esperança nisso — me absolver em sua eternidade.*

Olavo: É a mesma coisa. A morte não precisa ser necessariamente um negócio sinistro, ela é apenas o fim. Você não mais poderá modificar a sua vida. Então, por exemplo, se você chega à morte com a consciência dos seus pecados e [sabe] pelo que deve ser perdoado — o que fez de errado e não poderá consertar —, então você fala: "Até aqui eu consertei, mas sobrou isso, mais isso, mais isso e mais isso, onde eu dependerei do Teu perdão." Eis a consciência da morte. Porém, quando pensa, não na morte, mas na vida, você não quer só o perdão, [mas] quer também a oportunidade de consertar. Agente pensa em melhorar, consertar e corrigir os erros; e os que não dá para corrigir — seja porque já passou do tempo ou o que for — dependem do perdão divino. Na vida, você tem essas duas chances; e, na morte, apenas uma. Em vida, você tem a iniciativa; na morte, só o perdão — essa é a diferença. Se você faz isso, já está fazendo o que eu recomendei, não se preocupe.

Aluno: (...) Outra coisa, professor: na segunda aula, o senhor disse que para combater melhor o cansaço e a fadiga o melhor seria a creatina e a proteína. Também me recordo que o senhor disse dar mais tarde umas dicas de alimento.

Olavo: Prometo que lhes passarei uma lista de comidas e suplementos alimentares. Eu como suplementos alimentares que não acabam mais. Quanto mais velho você fica, mais você depende deles, porque a capacidade que o seu organismo tem de processar alimentos diminui muito. **[03:10]** Por exemplo, você está resfriado e lhe recomendam tomar vitamina C; [mas você pensa]: "Não, vou comer laranja." Quantas laranjas cabem num único comprimido de vitamina C? São três dúzias de laranja por comprimido. Por que se chama comprimido? Porque comprime. É a coisa mais simples. O brasileiro tem duas manias: é hipocondríaco e detesta tomar remédio. Não dá! Um hipocondríaco que se preza tem de tomar remédio!

Acho que por hoje já foi, não dá para responder mais nada. Uma boa noite e até a semana que vem.

Transcrição: Ronaldo Lucas da Silva, Mariana Belmonte, Maurício Doval, Diogo Vidal de Oliveira, Flávio Montenegro, José Manoel Domingues, Leonardo Brayner.
Revisão: Mariana Belmonte, Wilson Castro.